

2012... e depois?

Em meio a tanta cobiça e corrupção, surge uma nova
esperança para a espécie humana.

ARTE DE CAPA

Wilson Neves

DIAGRAMAÇÃO

Vanessa Dal

Benedicto Ismael Camargo Dutra

2012... e depois?

Em meio a tanta cobiça e corrupção, surge uma nova
esperança para a espécie humana.



Copyright© Benedicto Ismael Camargo Dutra

5374/1 – 500 – 148 – 2010

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a),
proprietário(a) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dutra, Benedicto Ismael Camargo

2012 -- e depois? / Benedicto Ismael Camargo

Dutra. -- São Paulo : Scortecci, 2010.

ISBN 978-85-366-1950-7

1. Ficção brasileira I. Título.

10-07860

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeça.com.br

Sumário

Apresentação	7
Capítulo 1 – O despontar de uma nova liderança	9
Capítulo 2 – A Conferência das Nações Unidas	23
Capítulo 3 – Brasil, país dos sonhos	31
Capítulo 4 – Lembranças de um passado longínquo	39
Capítulo 5 – Discussões e frustrações	57
Capítulo 6 – Decepção na COP	65
Capítulo 7 – Um audacioso resgate	77
Capítulo 8 – O reencontro com os amigos	89
Capítulo 9 – Um novo começo	97
Capítulo 10 – Cometas e a profecia sobre 2012	107
Capítulo 11 – Novos amigos	117
Capítulo 12 – De volta ao lar	129
Capítulo 13 – Corações e mentes buscando sabedoria	135

Apresentação

Um africano, engajado no estudo das alterações climáticas e da evolução humana, vem ao Brasil para aprofundar suas pesquisas e acaba se deparando com o trabalho de uma brasileira que vive em prol da melhora das condições de vida das novas gerações. Imediatamente fica encantado com a forte e delicada mulher.

Nesta fase conturbada que a humanidade enfrenta, ele está atento às informações divulgadas sobre as profecias que apontam o ano 2012 como a data limite para a avaliação dos feitos da humanidade.

Ele também sabe que, atualmente, há mais de um bilhão de crianças sem receber sequer a educação básica, o que aponta para um futuro sombrio e caótico. Ele nos considera responsáveis pelas futuras gerações e pelo futuro do mundo. Preocupado com a falta de propósitos e esperanças que avassalam as novas gerações, não parava de indagar: O que podemos fazer? Como dar o necessário preparo para os pais e mães do presente e do futuro?

Não media esforços para encontrar os meios mais adequados para combater as injustiças; a miséria, a falta de consideração, a irresponsável atuação sobre o meio ambiente; a cobiça e a corrupção, pois sabia que sem acabar com isso seria muito difícil alcançar a paz mundial. No meio dessa batalha, ainda buscava uma forma de carregar consigo a mulher amada.

Em meio a tantas informações pessimistas e contraditórias, destaca-se a atuação de um grupo de homens e mulheres conscientes de nossas responsabilidades que, acompanhando o desenrolar da Conferência das Nações Unidas sobre as alterações climáticas, queria apresentar o resultado de suas contundentes pesquisas sobre a real situação do meio ambiente, e propor soluções tendentes a interromper a continuada regressão da espécie humana.

Capítulo 1 – O despontar de uma nova liderança

*Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre um profundo grotão
Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão...Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população...*

Guilherme Arantes – Planeta Água

– Esse cara é genial. Olha só para ele. Nem parece uma autoridade. Foi conversar com o povo em um domingo de sol, vestindo uma camisa polo, bermuda e chinelos, despojado de qualquer formalidade que seu cargo lhe impõe – comentou Fadhili, passando a travessa de pipoca para o marido Abuu, mas sem despregar os olhos da tela da TV.

– Desse jeito vou ficar com ciúmes – brincou ele.

– Deixa de bobagem, Abuu. E fica quieto que quero continuar a ouvir o que ele está dizendo – arrematou Fadhili.

Na imagem, o semblante sereno e a voz suave de Jamal Wambua, ministro do Meio Ambiente de Berbéria, pequeno país da África Central, tornava sua fala ainda mais eloquente. Discursando para um grupo de pessoas em um palanque improvisado

próximo ao lago de Capsio, no Parque da Humanidade, e com transmissão ao vivo em um canal de televisão local, o líder sabia como ninguém cativar a atenção e o respeito do público.

O corpo atlético – com 1,90 m de altura, braços e pernas bem torneados –, herdado de seus antepassados, denunciava sua paixão por exercícios físicos e pelo esporte. No tempo em que era estudante, na universidade, destacou-se no futebol, ajudando seu time a conquistar muitos troféus nos campeonatos promovidos entre as várias instituições de ensino. E foi com a prática esportiva que Jamal aprendeu uma série de valores levados para a vida profissional e pessoal, como disciplina, determinação, foco no objetivo a ser alcançado, liderança e capacidade de trabalhar em equipe. Jamal tornou-se um batalhador nato, envolvido não só com as suas causas, mas com as de muitos seres frágeis que buscam por justiça.

Depois de beber um gole de água fresca da fonte, o ministro continuou seu discurso de forma descontraída e informal, como se estivesse batendo um papo entre amigos:

– A natureza é o mais belo presente que a humanidade recebeu. Dela obtém-se a água que a tudo sustenta e os alimentos para conservação do nosso corpo. Com nossa inteligência e capacidade de transformação, conseguimos grandes avanços, mas a um custo muito grande para o planeta. A forma como exploramos as riquezas naturais, a falta de consideração para com o semelhante, e a quantidade de lixo que geramos chegou a um limite perigoso, ameaçando não apenas as várias espécies animais e vegetais, como também a nossa própria sobrevivência.

– Como todos sabem, participarei da COP 15 – 15ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que será realizada em Copenhague, onde pretendo apresentar uma série de estudos feitos pela nossa universidade e por outras entidades e órgãos não governamentais que colaboram com nosso governo. Tenho grande preocupação em levar a essa importante reunião, na qual estarão presentes os principais representantes de várias nações do mundo, a verdadeira situação que o planeta enfrenta e não apenas palavras de efeito.

E continuou:

– É preciso combater a tendência alarmista que alguns pesquisadores e cientistas adotaram como forma de assustar e intimidar as pessoas e, principalmente, os governantes, sobre as consequências do aquecimento global. O marco de 2012, fixado na Profecia Maia, já vem sendo explorado para espalhar inquietação entre a população. No entanto, o medo só serve para atrapalhar. O importante é sermos realistas para que possamos enfrentar os tempos difíceis que se avizinham sem temores, com serenidade e bom senso, conscientes de nossa responsabilidade, confiantes numa Força Superior. As populações precisam ser preparadas e os líderes devem ter pulso forte para que sejam adotadas medidas preventivas capazes de evitar ou, pelo menos, suavizar as consequências das catástrofes naturais iminentes.

– Devemos lembrar que, recentemente, os estudos de um renomado instituto intergovernamental que alertava para o degelo da cadeia do Himalaia dizia que até 2035 todo o gelo que recobre o topo daquelas montanhas irá desaparecer, causaram

pânico e polêmicas. Uma outra entidade, também dedicada a fazer estudos semelhantes, conseguiu demonstrar que não havia base científica para essa afirmação, o que levou o instituto a se retratar e pedir desculpas por ter divulgado uma informação tão séria sem uma base concreta.

– Isso não significa que tudo o que se veiculou sobre o Himalaia não seja verdadeiro. A cordilheira do Himalaia se estende por 2.500 quilômetros em cinco países asiáticos, com seus paredões de gelo e suas montanhas cobertas de neve, entre elas o Monte Everest, o mais alto do mundo. Para 1,3 bilhão de pessoas – um em cada seis habitantes do planeta – que vivem nas regiões próximas ao Himalaia, a cordilheira também representa garantia de água farta para abastecer cidades e irrigar plantações. Nas estações quentes, parte do gelo de seus 15.000 glaciares se derrete e corre para uma malha de pequenos afluentes de grandes rios, como o Ganges, na Índia, e o Yang-tsé, na China. No inverno, as nevascas repõem o gelo que se foi. Mas não podemos negar que esse ciclo harmônico das águas vem se alterando. As medições têm revelado o derretimento em várias regiões.

Após uma breve pausa, o ministro deu continuidade ao seu raciocínio:

– O que estou querendo dizer a vocês, meus amigos, é que o sensacionalismo produz um efeito devastador, pois confunde a opinião pública, levando-a ao desinteresse pelo que é realmente importante, ou ao pânico insensato. Divulgar informações pouco consistentes ou contraditórias tira a credibilidade de outros cientistas que estão desenvolvendo trabalhos sérios, maravilhosos e

que refletem com maior exatidão os danos que estamos causando ao planeta e o que poderá ocorrer se nada for feito para reverter esse cenário.

Jamal olhou atentamente para o público, percebendo que havia muitos jovens e crianças acompanhados de seus pais, e todos pareciam estar gostando do encontro.

Um rapaz aproveitou para fazer uma pergunta:

– Então o senhor está dizendo que tudo o que é publicado nos jornais e revistas, e até o que dizem na televisão, não passa de invenção?

– De forma alguma – retrucou Jamal. E foi mais enfático:

– Muita coisa é verdadeira, mas também há muito sensacionalismo. Por outro lado, fatos muito importantes deixam de ser veiculados. O que eu defendo é que se divulguem informações com maior critério para que esse tipo de questionamento que você fez não se torne comum. Porque se isso acontecer, mais e mais pessoas vão deixar de acreditar nos alertas que cientistas sérios estão fazendo. É isso que vou defender na COP 15: que todas as nações passem a trabalhar de forma coordenada e apenas sejam divulgados dados referendados por cientistas comprometidos com a preservação da vida. Não devemos deixar de alertar a população mundial quanto aos riscos que corremos porque, caso contrário, não conseguiremos promover as mudanças necessárias. Mas é igualmente importante que as pessoas acreditem no que esses grupos verdadeiramente preocupados com o planeta divulgam para que abandonem os comporta-

mentos nocivos e se mobilizem. É fundamental que todos cumpram sua parte com responsabilidade, seja a população, as organizações ou os governos.

Ele tomou mais um gole da água para tentar aliviar o forte calor e, erguendo o copo, como que para exibir o precioso líquido, falou:

– Por exemplo, em nosso país, Berbéria, um dos maiores problemas é a necessidade de zelarmos pela água, além de preservar nossa cultura, sem descuidar da boa educação de nossas crianças. Precisamos tomar cuidado para que nossos lagos não sequem. A capital Dandara, onde estamos, ainda não sente tanto os efeitos desse problema porque é mais industrializada. Mas as demais cidades, em que a principal atividade é agrícola, já estão sofrendo com a redução do nível da água. Temos que tomar sérias medidas para que não cheguemos a uma situação semelhante à de Mali, cuja população vive do cultivo da cebola. Hoje, as cerca de 350 famílias que se dedicam a essa atividade estão sofrendo com o racionamento da água. Cada família tem direito a apenas 50 cabaças de água por dia e mais de 70% delas acabam sendo usadas para irrigação. Não podemos deixar que essa situação se repita em nenhuma cidade de Berbéria. O primeiro passo é a conscientização, o segundo são as ações efetivas para se preservar os mananciais. O terceiro é a educação do povo, principalmente das crianças, que representam o futuro do país.

Alguns dias depois, bem distante dali, em Sidney, Austrália, Giorgio Dark recebeu uma gravação em DVD do programa exibido pela TV de Berbéria. Depois de assistir, telefonou para o

número anotado no envelope, marcando um encontro para a semana seguinte.

– Olá Giorgio, é um prazer revê-lo. Vejo que os ares australianos estão lhe fazendo muito bem – disse Anita Backer, ao entrar no restaurante e se aproximar da mesa em que ele estava acomodado. Era uma bela morena, aparentando pouco mais de 30 anos, elegantemente vestida com um tailleur de seda verde-escuro, e vinha acompanhada por um homem bem mais velho.

– Quero lhe apresentar o sr. Olav Duvidier. Ele representa um grupo importante de investidores que mantêm negócios na África. Estava ansioso para conhecê-lo.

– Agradeço por ter aceitado meu convite – disse Olav, depois de apertar a mão de Dark, sentando-se ao seu lado. – Sou um homem bastante objetivo e vou diretamente ao ponto. Soube por intermédio de Anita que você assistiu ao DVD que lhe enviei. Como deve ter notado, Jamal Wambua é um líder nato e está fazendo uma série de mobilizações em seu país que estão começando a nos incomodar. Como se isso não bastasse, ele resolveu participar da COP 15 e apresentar estudos que, honestamente, preferimos que não cheguem ao conhecimento de outros líderes nem da população mundial.

– O que exatamente você quer que eu faça – perguntou Dark, também sem rodeios.

– A sua reputação o precede, senhor Dark – disse Olav. Quem sou eu para lhe dizer o que fazer. Sei muito bem que o

senhor é bastante habilidoso para, como direi, alterar a ordem natural das coisas. O que posso lhe adiantar é que não gostaríamos que Jamal chegasse a tempo para participar da Conferência do Clima. Veja bem, não estou sugerindo que ele seja morto. Não somos assassinos. Tampouco queremos correr o risco de transformá-lo em um mártir como Nelson Mandela, da África do Sul, por exemplo. Só queremos que ele seja convencido a não ir à reunião dos líderes nem mandar nenhum representante. Acha que consegue fazer isso? Será muito bem recompensado, se o fizer.

– Terei muito pouco tempo para agir, mas acho que já sei o que poderá ser feito, pois também tenho interesses na África e Jamal poderá vir a ser um obstáculo. Dê-me mais uma semana para pesquisar e para elaborar um plano e depois voltaremos a conversar.

Dark considerava tipos como Jamal muito perigosos, pois além de ter a capacidade de inspirar e transformar sonhos em realidade, sabia motivar ideais nobres, por isso, era mais fácil agir contra revolucionários, que geralmente são pouco objetivos quando ousam conquistar o poder, pois não conseguem oferecer resistência por muito tempo, não dispõem de recursos nem de organização formal. Para lidar com eles bastam tenacidade, dinheiro e força bruta. O problema é que Jamal oferecia algo diferente. Sua grande arma consistia em propor o despertar espiritual das massas, tornando-as conscientes e ansiosas por adquirir sabedoria, coisa que não convinha a Dark nem a seus “clientes”, cujos interesses incluíam a utilização dessas massas para seus propósitos. Seria muito difícil fazer com que o africano agisse como eles queriam em função de seus interesses econômicos.

Jamal havia sido inoportuno certa vez, quando Dark tentava negociar a concessão de terras férteis para a produção de alimentos destinados às populações da Ásia e, para isso, estava disposto a investir uma fortuna que seria oferecida às autoridades. Jamal impediu a realização do negócio, alegando que as terras pertenciam aos africanos e que aos asiáticos seriam disponibilizados os excedentes, a preço de mercado, do mesmo modo como eles fazem com seus produtos industrializados.

“Tenho que encontrar a maneira certa para tornar Jamal inócuo e desacreditá-lo perante a opinião pública, para que ninguém mais se interesse pelo que tem a dizer. Bom mesmo seria acusá-lo de algum crime e colocá-lo atrás das grades, afastando-o definitivamente do convívio com a população de Berbéria, que deve ser mantida submissa e obediente como já fizemos em outras regiões” – pensou Dark.

Algum tempo depois, em Lisboa, Portugal, um animado grupo se reunia em um restaurante, famoso pela sua especialidade: Bacalhau à Gomes de Sá.

– Mas de quem foi mesmo a ideia de nos encontrarmos em Portugal? Com todos esses pratos maravilhosos à base de bacalhau, sem falar dos quitutes como papo de anjo, pastel de Santa Clara, fios de ovos... Ai, que tentação! Vou sair daqui rolando de gorda – reclamou Viveca Sanches, em tom de brincadeira.

– Não faz mal, querida. Pode comer à vontade e se esbaldar. Você fica linda de qualquer jeito – retrucou o marido, Humberto Sanches.

– Das duas uma: ou você é o homem mais romântico do mundo ou o maior mentiroso de todos os tempos – disse Bárbara Sinclair, arrancando risos dos demais presentes à mesa.

– Não liga não, Humberto – retomou Brenda Sinclair. – Minha querida irmã sessentona só disse isso porque está se roendo de inveja. Quem dera encontrar um maridão como você!

– Inveja, não! Esperança! Não sei quanto a você, mana querida, mas eu ainda não perdi as esperanças de encontrar um cavalheiro à moda antiga, assim como o Humberto. Não precisa ser mexicano como ele, nem inglês, como nós. Estou aberta a toda e qualquer possibilidade. Quem sabe meu sonho se torne realidade. É como no futebol, sempre há tempo enquanto o juiz não dá o apito final, certo? – completou Bárbara, dando um longo suspiro.

A conversa continuou descontraída e animada durante todo o jantar. À mesa, estavam também Henrique Zaion, Carlo Arnaboldi e Ivan Ruiz, companheiros de longa data e pertencentes à Fraternidade Ametista, uma entidade não governamental composta por um pequeno e seletivo grupo de estudiosos de várias nacionalidades, interessados em promover o progresso real da humanidade e em preservar a natureza. Eles haviam se reunido naquela noite para se confraternizar e estabelecer um cronograma de encontros. Precisavam consolidar os estudos que pretendiam levar à COP 15, que teria início na semana seguinte.

As sobremesas já estavam sendo servidas quando Malik Wambua chegou juntando-se ao grupo.

– Finalmente você chegou, Malik. Já estava começando a ficar preocupado – disse Zaion, também conhecido como Master. – E onde está seu irmão, Jamal? Você não foi buscá-lo no aeroporto?

– Pois é, acabo de voltar de lá e estou bastante intrigado. Meu irmão não estava no voo, apesar do seu nome constar da lista de passageiros. Mas a companhia aérea não quis me dar maiores informações. Sabe como eles são, não é? Já liguei para a casa dele mas ninguém atende.

– Ele deve ter tido algum contratempo. Isso é comum para quem trabalha com política – disse o italiano, Carlo Arnaboldi.

– Mas se isso tivesse acontecido, Jamal teria me avisado. Não é do feitio dele marcar um compromisso e simplesmente não aparecer sem dar nenhuma satisfação – retrucou Malik.

– Pode ter surgido outro assunto urgente e ele não teve como te avisar a tempo – disse Zaion. – De repente foi alguma solicitação de última hora do presidente de Berbéria, que ele teve que atender. Carlo está certo. Vida de político é complicada. Coma alguma coisa e procure se acalmar. Se amanhã ainda não tivermos notícias dele, vamos achar uma maneira de saber o que, de fato, aconteceu.

No dia seguinte, Malik voltou a se encontrar com os ametistas no final da tarde, no hotel em que Zaion estava hospedado.

– Amigos, preciso da ajuda de vocês. Telefonei para o Ministério do Meio Ambiente de Berbéria e o assessor de Jamal disse que ele pediu uma licença para tratar de um assunto particular. Ninguém soube dar nenhuma outra informação – disse Malik, com o semblante bastante preocupado.

E prosseguiu:

– Liguei para Samira, minha sobrinha, que está estudando na Sorbonne, na França e ela me disse que não fala com o pai há mais de uma semana. Estou muito preocupado. Desde que minha cunhada morreu, há três anos, Jamal se dedicou de forma obsessiva ao trabalho, mas nunca ficou tanto tempo sem falar com a filha. Ele telefona para ela quase diariamente e agora desaparece, sem dar explicação. Que assunto particular ele foi resolver sem falar comigo ou com Samira? Isso não faz sentido.

– Tem razão, meu amigo, isso está muito esquisito – disse Zaion. – Acho melhor você ir até Berbéria para tentar descobrir alguma pista do paradeiro dele. Vou ligar para Jean Baptiste Louber e pedir para que vá junto com você, para dar um apoio. E nos mantenha informados sobre o que descobrir.

Depois que Malik saiu, Viveca comentou:

– Tomara que não tenha acontecido nada de mais. Sem os estudos que Jamal fez, nosso trabalho ficará incompleto e receio que não teremos argumentos fortes o suficiente para convencer os líderes mundiais, que estarão na COP 15, a tomar as medidas

preventivas e urgentes para dar uma guinada no combate ao efeito estufa e amenizar as alterações climáticas.

– Eu não quis falar nada, para não deixar Malik ainda mais apreensivo – confessou Zaion. – Mas minha intuição me diz que esse desaparecimento do Jamal está diretamente relacionado aos estudos que ele fez. Tem muita gente interessada em impedir que a verdade venha à tona e alguém pode ter preparado uma armadilha para que o nosso amigo não conseguisse chegar a tempo para participar da Conferência Mundial.

– E esse alguém tem nome? É quem estou pensando? – questionou Ivan Ruiz.

– Ainda é cedo para afirmar qualquer coisa ou chegar a conclusões precipitadas – respondeu Zaion. Vamos dar tempo ao tempo, sem deixarmos de ficar alertas. Por enquanto vamos nos concentrar nos trabalhos que iremos apresentar na COP. Falta só uma semana e ainda há muito a se fazer – completou.

Capítulo 2 – A Conferência das Nações Unidas

Milhares de pessoas de várias nacionalidades começavam a chegar em Copenhague para participar da COP 15 – 15ª Conferência da Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – o maior encontro diplomático mundial, reunindo representantes de 192 países. As expectativas dos ambientalistas, estudiosos e políticos do mundo todo eram animadoras, principalmente porque os Estados Unidos e a China, os dois maiores emissores de gases do planeta, responsáveis pelo efeito estufa, iriam formalizar um acordo, pela primeira vez.

Os ametistas também estavam animados com a perspectiva de que as maiores nações do mundo finalmente se mostrariam dispostas não apenas a reduzir suas emissões de gases poluentes, como também a se comprometer em implantar medidas eficazes para combater os efeitos nocivos da ação do homem sobre o equilíbrio ambiental do Planeta.

No hotel, Henrique Zaion, Viveca e Humberto Sanches, as irmãs Sinclair e Carlo Arnaboldi, finalizavam os estudos que seriam apresentados em algumas horas no maior fórum mundial.

– Já está tudo aqui, Zaion – iniciou Bárbara Sinclair. – Nesta pasta estão todos os dados mostrando como a escassez de alimentos causada pelo fim da estação chuvosa, como consequência das mudanças climáticas, está atingindo a Etiópia. Naquele país da África, um terço da população – cerca de 25 milhões de pessoas – estão sofrendo por conta da seca. Apenas 1% dos cultivos

é irrigado. Isso é alarmante porque a agricultura absorve mais de 80% da força de trabalho da Etiópia, o que gera um grande impacto social.

– Para piorar a situação – continuou Brenda Sinclair – mais de 100 mil crianças estão desnutridas e 20 mil morrem por ano por causa de diarreia.

– Na verdade, a maioria dos países do continente africano já está sofrendo os efeitos das mudanças climáticas – disse Zaion. – Não é apenas a seca que castiga alguns países. Há também a elevação do nível do mar e as enchentes, o que obrigará o deslocamento de 150 milhões de pessoas até 2050. Isso provavelmente fomentará guerras, causando muito sofrimento.

– Pois é, na África estão localizados 15 dos 20 países sob maior risco no mundo – continuou Carlo Arnaboldi. – O mais irônico é que estas nações emitem menos do que 0,7% do total de CO₂ lançado na atmosfera do planeta, mas estão arcando com as consequências das alterações climáticas.

– Uganda é outro país que está sendo bastante castigado com as secas – disse Humberto Sanches. – Na década de 1980, elas costumavam acontecer a cada 5 ou 10 anos. Mas entre 1991 e 2000, ou seja, em apenas nove anos, as secas aconteceram sete vezes. Só em 2008, um terço da produção agrícola caiu, tirando o sustento de grande parte da população que vive da agricultura de subsistência.

– Meus amigos, a conversa está ótima, mas precisamos nos apressar porque a reunião na COP já está para começar. Em parte

estou feliz porque todos vocês fizeram um ótimo trabalho. Conseguimos reunir uma grande quantidade de informações sobre os países da África que estão sendo mais atingidos – disse Zaion. – Mas, mesmo assim, lamento não poder levar à COP os estudos que estavam sendo feitos pelo Jamal. Ele havia me dito que não só tinha reunido uma série de dados altamente confiáveis de Berbéria, como também de outras nações vizinhas, e ainda tinha algo inédito para apresentar, e que iria causar forte impacto. Jamal estava tão entusiasmado e tão ansioso para participar deste encontro! Realmente deve ter acontecido algo muito grave para ele sumir dessa forma. Por falar nisso, Malik deu alguma notícia?

– Falei com ele há pouco – disse Viveca. – Ele e o Jean Baptiste estão em Dandara, tentando achar alguma pista. Até agora, não encontraram nada.

– Quando voltarmos da reunião, vou contatá-lo novamente. Mas agora vamos, senão chegaremos atrasados – completou Zaion.

Longe dali, em Dandara, Malik continuava inconformado com o sumiço do irmão. Ele já havia vasculhado a casa de Jamal, de cima a baixo, sem encontrar nada que lhe desse alguma pista do que poderia ter acontecido.

– Jean, vamos voltar ao Ministério do Meio Ambiente – disse Malik, depois de pensar por alguns momentos. – Já reviramos este lugar milhões de vezes e não achamos nada. Quem sabe no trabalho dele alguém possa nos dar alguma informação.

– Mas nós já estivemos no gabinete dele, assim que chegamos a Dandara, e também saímos de lá de mãos abanando – ponderou Jean Baptiste. – Por que acha que agora será diferente?

– Sei lá, minha intuição me diz que deixamos escapar alguma coisa. Você vem comigo? – perguntou Malik.

– Claro. É para isso que estou aqui. Vamos esgotar todas as possibilidades – concordou o francês.

Ao chegarem ao escritório de Jamal, os dois amigos foram recebidos com um largo sorriso por Chuki, uma senhora muito bem humorada, um pouco acima do peso e com cabelos curtos encaracolados.

– Olá senhores, em que posso ajudá-los? – disse ela.

– Boa tarde, eu sou Malik Wambua, irmão de Jamal e este é Jean Baptiste Louber, um amigo. Já estivemos aqui há alguns dias e gostaria de entrar novamente na sala de Jamal. Da outra vez fomos recebidos por Hafidh, o assessor dele.

– Hafidh não veio trabalhar hoje. Precisou cuidar de um assunto externo. Mas talvez eu possa ajudar em alguma coisa. Sou Chuki, secretária do sr. Jamal. Inclusive acho que já nos falamos por telefone algumas vezes.

– Falamos sim, mas o fato é que estou muito preocupado com meu irmão. Combinamos de nos encontrar em Lisboa e ele

não apareceu, nem mandou nenhum recado. E quando estive aqui, Hafidh disse que ele havia tirado uma licença para cuidar de assuntos pessoais. Samira, a filha dele, também não sabe nada a respeito do pai e, assim como eu, está preocupada. Jamal não costuma fazer esse tipo de coisa.

– É, realmente ele estava agindo de forma estranha nos últimos dias – disse Chuki.

– Estranha como? – perguntou Jean Baptiste.

– O sr. Jamal é uma pessoa alegre e gentil, que costuma cumprimentar a todos quando chega. Mas, nos últimos dias, ele estava muito sério e abatido. Chegava de cabeça baixa, andando rapidamente. Só me dizia bom dia e se fechava em sua sala. Cheguei a perguntar se havia algo errado, mas ele apenas respondeu que estava tudo bem. Que só estava um pouco cansado e pensava em tirar alguns dias para descansar – confidenciou Chuki.

– Sabe se aconteceu algo que o fez mudar seu comportamento? Algum telefonema, ou alguma visita? – perguntou Malik.

– Hum, deixe-me pensar... Acho que foi a partir do dia em que ele recebeu um envelope, entregue por um portador, sem remetente. Parece que havia um DVD dentro dele porque o ouvi ligando a televisão. Mas não sei o que continha, porque ele ficou o tempo todo com a porta fechada. Depois de algum tempo, pediu para que eu chamasse um táxi e só voltou no dia seguinte.

– Esse DVD ainda está por aqui? – perguntou Jean.

– Não. Ele deve ter levado junto com ele. Mas estou me lembrando de outra coisa. Dois dias depois, fui almoçar com meu marido em um restaurante meio afastado da cidade, mas famoso pela boa comida. Fomos comemorar a promoção que ele recebeu. Estávamos almoçando, quando vi o sr. Jamal entrar e se dirigir a uma mesa no fundo do restaurante. No local estava uma mulher muito bonita, que aparentava uns 30 anos ou mais, de cabelos pretos e muito bem vestida. Até achei que era alguma namorada, mas logo vi que não era nada daquilo porque eles se cumprimentaram muito formalmente. Pouco depois, chegou um homem, de estatura mediana e traços duros, que se juntou a eles. Ficaram conversando um bom tempo e o sr. Jamal parecia bastante tenso. Tomaram alguns drinques, mas o sr. Jamal sequer tocou na comida, devolveu o prato ao garçom e rapidamente saíram.

– Eles te viram? Você chegou a perguntar a Jamal quem eram aquelas pessoas? – questionou Malik.

– Não, eles não me viram e eu também não disse nada ao sr. Jamal. Não quis ser indiscreta. Se fosse algo que eu devesse saber ele teria me contado – disse Chuki.

Malik ficou em silêncio por alguns minutos. Depois, tirou seu celular do bolso e mostrou uma foto que estava no visor para Chuki.

– Por acaso o homem que se encontrou com Jamal era este? – perguntou Malik.

Chuki pegou o celular para ver a foto mais de perto. Depois de examiná-la por alguns segundos disse:

– É ele mesmo. Você o conhece?

– Infelizmente sim. Depois disso, o que aconteceu? – disse Malik.

– Bem, o que ocorreu é que o sr. Jamal disse que não podia mais ir para a COP e que precisava se ausentar por algum tempo. Quando perguntei se ele iria viajar, ele apenas disse que iria tirar uma licença e que os assuntos do Ministério deveriam ser tratados pelo seu assessor. Abraçou-me carinhosamente e saiu sem dizer uma palavra. Foi a última vez que o vi.

– Obrigado pelas informações, Chuki. Ajudaram muito. Assim que tiver alguma notícia, te aviso, está bem? – disse Malik, saindo em seguida, acompanhado por Jean Baptiste.

No final do dia, Malik telefonou para Zaion.

– E então, Master, como estão indo as discussões na COP?

– Os temas debatidos são muito interessantes, mas não sei se vamos conseguir chegar a algum resultado concreto, porque está faltando união de propósitos e prevalecem os interesses. De nossa parte, estamos um pouco desfalcados. Aquelas informações do Jamal, tenho certeza, dariam maior força aos nossos argumentos. E por falar em Jamal, conseguiu algum dado novo? – perguntou Zaion.

– Consegui sim. Tive uma intuição e voltei ao Ministério. Falei com a secretária dele, que me deu uma informação valiosa. Antes de sumir, meu irmão se encontrou com Giorgio Dark.

– Eu sabia. Algo estava me dizendo que tinha a mão suja do Dark envolvida nessa história. Mas o que será que ele disse ao Jamal para fazê-lo desaparecer, sem avisar ninguém? – questionou Zaion.

– Não sei, mas deve ter sido algo muito grave. Estou na casa do meu irmão e vou ficar mais alguns dias por aqui para ver se consigo achar mais alguma pista. Vou te manter informado. E bom trabalho na COP.

Assim que desligou o telefone, Malik foi até a janela para tomar um pouco de ar, quando viu sua sobrinha descer de um táxi e se dirigir à porta.

– Samira, o que está fazendo aqui? – perguntou Malik, ao receber a sobrinha.

A linda jovem abraçou o tio e, chorando, disse:

– Vim ajudar a procurar o meu pai. O que aconteceu com ele? Descobriu alguma coisa, tio?

Capítulo 3 – Brasil, país dos sonhos

O Sol estava escaldante, mas a brisa vinda do mar e a beleza da praia de Boa Viagem amenizava um pouco a sensação de desconforto. Pela janela do carro, Shakir olhava especialmente para as lindas mulheres que douravam seus corpos na praia.

– Nossa, quanta mulher bonita tem por aqui. E olha o tamanho minúsculo dos biquínis! – comentou.

– É verdade. Pena que não vamos poder ficar muito tempo. Assim que chegarmos ao hotel, vamos pernoitar e seguiremos viagem logo cedo, pela manhã – disse James.

– Não sei para que tanta pressa. Gostaria de ficar alguns dias e conhecer essa cidade, que eu só vi por fotos e pela internet – queixou-se Patrick.

– Ora, deixe de reclamar. No final das contas, todas as cidades se parecem – retrucou Shakir.

– Não seja ignorante, rapaz – contestou Patrick. – Recife é uma cidade magnífica, não só pelas suas belezas naturais, como também pelo seu passado e pela sua gente. A cidade tem forte tradição em lutas libertárias e se destaca pelo grande poder de organização da população para reivindicar melhores condições de infraestrutura e de serviços urbanos. Aqui há um grande número de organizações e movimentos populares, e eu gostaria de conhecer alguns deles. Afinal, não foi para isso que viemos ao

Brasil? Não foi para entrarmos em contato com organizações não governamentais dedicadas à melhora da qualidade de vida?

– Não foi exatamente esse o combinado, mas sim que você iria trabalhar com uma dessas organizações que lidam com pessoas carentes no Rio de Janeiro, com a qual já mantemos contato há algum tempo. É para lá que iremos de carro e há um longo caminho a percorrer – disse Shakir.

– Deixa de ser rabugento, Shakir. Não acho que haverá nenhum problema se ficarmos um ou dois dias na cidade. Para dizer a verdade, eu também gostaria de passar um tempinho aqui – disse James. E olhando para Patrick, continuou: – Mas vou ter que verificar com o chefe, você sabe. Se ele der sinal verde, ficamos. Caso contrário, seguimos viagem. Tudo bem?

– E eu tenho escolha? – perguntou Patrick, em tom sarcástico.

No hotel, depois de tomar um banho refrescante, os três seguiram para o restaurante, para jantar. Estavam degustando uma deliciosa caldeirada de frutos do mar, quando se aproximou da mesa um rapaz alto, loiro e com o corpo musculoso. James logo se levantou para cumprimentá-lo calorosamente:

– Maurício, há quanto tempo não nos víamos. Pelo jeito, você continua malhando nas academias.

– E nas praias. Não perco um futevôlei nem debaixo de chuva – disse o rapaz, retribuindo ao abraço do amigo.

– Estes são Shakir e Patrick – apresentou James. E voltando-se para os dois homens, disse: – Maurício será o nosso guia durante nossa estadia no Brasil. Venha Maú, junte-se a nós. Esta caldeirada está especialíssima.

– Nem precisa dizer duas vezes – disse Maurício, puxando uma cadeira para se sentar ao lado de Patrick. E continuou: – Aluguei uma *van* para termos mais conforto durante a viagem. Seguimos amanhã cedo, como o combinado?

– Na verdade vamos ficar mais um dia aqui em Recife – disse James. – O Patrick quer conhecer a cidade e também uma ONG local. Obtivemos permissão para isso e acho que você poderá nos mostrar o que tem de bom por aqui.

– Um dia é pouco, mas vou fazer o possível – respondeu.

No dia seguinte, bem cedo, os três viajantes, acompanhados por Maurício, ou Maú, como James gostava de chamá-lo, iniciaram o passeio pela cidade. A beleza de Recife os deixou maravilhados. Maú mostrou suas habilidades de guia turístico, contando que a cidade era conhecida como a “Veneza Brasileira”, por ser cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe, tendo várias pontes de ligação, como acontece na cidade italiana.

– Eu sempre me interessei pelo Brasil, até porque a África tem uma forte ligação com este país, ainda que lamentavelmente por causa da escravidão, ocorrida na época em que o país era uma colônia de Portugal. Mas em Recife, particularmente, houve grande influência dos holandeses, não é mesmo? – perguntou Patrick.

– É isso mesmo. Meu xará, o Conde João Maurício de Nassau, governou a cidade no período de 1630 a 1654 e durante a sua gestão foram construídos palácios, jardins e pontes, que vamos ver de perto agora – disse Maú.

– Nossa, como você sabe de tudo isso? Achei que só se interessava por fisiculturismo e artes marciais – questionou James.

– Eu namorei uma garota que era guia turística e fiz uns “bicos” junto com ela. Apreendi muita coisa sobre a cidade, o que me fez gostar ainda mais daqui. Apesar de ser americano, como você, James, minha mãe é brasileira e moro aqui desde os 15 anos de idade. Não quero saber de outro lugar para viver. O Brasil é 10, apesar de haver muitos problemas, como em todo lugar, há também muita coisa boa, como vocês terão a oportunidade de confirmar – respondeu Maú.

– E quanto ao povo? Estou vendo que há muitos negros como eu e o Patrick. Mas o curioso é que muitos deles têm olhos esverdeados. Como isso é possível? – perguntou Shakir.

– No Brasil, como um todo, houve muita miscigenação. Vieram pessoas de várias partes do mundo que se misturaram. Em Recife, particularmente, a maioria dos brancos é de origem portuguesa e holandesa. As pessoas pardas são uma mistura de brancos, negros e índios. E as negras são de origem africana, como você, Shakir, e o Patrick – explicou Maú.

O dia transcorreu tranquilo, com visitas ao marco zero da cidade, Forte do Brum, Palácio do Campo das Princesas, a casarios

antigos, à Capela Dourada e ao Instituto Ricardo Brennand que reúne um dos maiores acervos de obras de arte das mais diferentes procedências e épocas, cobrindo um espaço de tempo entre a Europa medieval do século XV, o Brasil Colonial das invasões holandesa, século XVII, até o Brasil do século XIX.

– Desculpe-me, meu caro, mas não deu para visitar nenhuma ONG – disse Maú, ao deixar os três no hotel no final do dia.

– Fazer o quê? Mas valeu assim mesmo. Deu para conhecer um pouco a cidade e isso é melhor do que nada. Mas eu gostaria de passar pela cidade de Olinda. Ouvi dizer que o mar já está tomando as praias. É verdade? – perguntou Patrick.

– Não é bem assim. A prefeitura está fazendo um trabalho de revitalização e recuperação da faixa de terra à beira mar, numa tentativa de evitar a erosão marítima e resgatar um espaço tão importante no contexto urbano para estimular o turismo. A primeira etapa das ações será a reorganização da barreira de pedras, para otimizar a contenção do avanço do mar. Amanhã poderemos dar uma volta por lá – respondeu Maú.

Na manhã seguinte, eles seguiram viagem, e passaram vários dias percorrendo cidades do interior dos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Espírito Santo, com paradas apenas para refeições e para dormir. Patrick deixou claro seu desconforto e indignação.

– Já que estamos viajando de carro, seria interessante se pudéssemos parar um pouco em algumas cidades. Gostaria de ter

a oportunidade de falar com as pessoas e ampliar um pouco mais os meus conhecimentos sobre o Brasil e sobre as mudanças que ocorreram no clima nos últimos tempos. Também passamos por algumas fazendas e sei que em muitas delas o trabalho escravo, apesar de ilegal, ainda vigora. Gostaria de verificar isso de perto.

– Não seja idiota, cara. Acha mesmo que alguém irá lhe dar alguma informação sobre isso? Além do mais, isso não é da sua conta. Nem da nossa – esbravejou Shakir.

– Não precisa ser grosseiro, Shakir. Eu não sou ingênuo e sei que ninguém falará abertamente sobre isso. Mas em cidades pequenas a maioria dos moradores sabe o que acontece, ou pelo menos, desconfia e...

– E o fato de a gente saber o que acontece não vai mudar nada – interrompeu James. – Não somos super-heróis nem os mocinhos da história, e não viemos para o Brasil para salvar as pessoas de sua má sorte. Nosso destino é o Rio de Janeiro e o quanto antes chegarmos lá, melhor.

Patrick ficou calado o restante da viagem, mas pensava sobre a destruição causada ao meio ambiente pela ação humana e podia ver com seus próprios olhos que o Brasil não havia escapado disso. Estudioso e amante da natureza, ele não se conformava com a destruição das matas, e em particular da Mata Atlântica, que originalmente ocupava uma área de mais de 1.300.000 km², correspondendo a 15% do território brasileiro, e atualmente, o que restou equivale apenas a 1% do território. Esse é o resultado da civilização predatória que se baseia em extrair o

máximo das colônias e de sua população. Os custos ambientais, desde o tempo em que o Brasil pertencia a Portugal até a atualidade foram gigantescos e agora a natureza, como um todo, está apresentando a conta referente aos desequilíbrios climáticos e aos danos causados ao meio ambiente.

Finalmente, chegando ao Rio de Janeiro, os homens foram para uma casa locada especialmente para acolhê-los. Deslumbrado com a beleza natural, Patrick ficou ponderando as diferenças entre o Brasil e outros países desenvolvidos. O povo é simples e cordial, sempre com um sorriso alegre. Este é mesmo um país onde as pessoas ainda sonham com a felicidade.

Capítulo 4 – Lembranças de um passado longínquo

Em seu quarto, Patrick pensava em tudo o que havia deixado para trás e principalmente nas pessoas queridas, das quais não teve tempo nem oportunidade de se despedir de forma adequada. Olhando atentamente para a foto em que estava abraçado a uma jovem de 20 e poucos anos, já não conseguia conter as lágrimas e uma agonia forte tomou conta de seu coração. Em grande parte, sua vinda ao Brasil estava relacionada ao bem estar daquela linda moça, a quem amava mais do que à própria vida. Patrick também pensava nos projetos que havia deixado de concluir, na sua cidade e nos amigos que, naquele momento, lhe pareciam ainda mais distantes. A tristeza foi abrandada por uma brisa de esperança que soprou em sua alma e o fez pensar no trabalho que pretendia realizar no Brasil e nas descobertas que estavam para acontecer.

Os devaneios de Patrick foram bruscamente interrompidos por Shakir que, sem cerimônia, entrou no quarto, sem bater, para avisá-lo que estava tudo pronto para o encontro com a diretora da ONG Jovens da Nova Era.

A instituição ficava dentro da favela da Rocinha, localizada entre os bairros nobres da Gávea e São Conrado. Patrick não conseguia esconder seu espanto ao constatar como as desigualdades sociais eram tão evidentes. No caminho, as residências suntuosas das classes mais abastadas chamavam a sua atenção pela beleza arquitetônica e pelos jardins bem cuidados, mas ao chega-

rem à favela, a paisagem mudou radicalmente. Casas extremamente simples, com tijolos aparentes, ruas estreitas e uma grande quantidade de pessoas indo e vindo, formavam um cenário perturbador.

– Bem-vindos à Rocinha – disse Maú, divertindo-se com a cara assustada de Patrick. – Mas não precisa ficar com medo não, “meu irmão”. Aqui é tudo gente boa, como eu, o Shakir e o James – continuou, dando uma sonora gargalhada.

– Pode parecer uma surpresa para você meu irmão, mas eu sou muito bem informado – respondeu Patrick com convicção. – Sei que há muitos bandidos, querendo dominar a situação, mas há também muitos trabalhadores e pessoas honestas que moram na favela. E foram elas que ajudaram a transformar o local em uma comunidade em que há comércio, bancos, escolas e até ONGs como essa que vamos visitar.

– Não se iluda não, meu irmão. Aqui quem manda ainda são os traficantes, nossos camaradas, que permitiram que viéssemos até aqui. Tá vendo aqueles motoqueiros? São os “olheiros”. Eles já foram avisar seus chefes que chegamos. Mas não se preocupe que ninguém vai mexer com a gente. É só para controle, sabe? – completou Maú.

Depois de uma longa caminhada por escadarias e ruas estreitas, que davam a sensação de estarem dentro de um grande labirinto, os quatro homens finalmente chegaram a uma casa simples, de paredes brancas. Sobre a porta principal havia uma placa com as letras pintadas nas cores verde e amarelo em que se lia *Jovens da Nova Era*.

Assim que entraram, viram uma mulher rodeada por jovens, todos conversando de forma animada. Ao perceber que os visitantes haviam chegado, Maria pediu licença ao grupo e caminhou até eles.

– Olá, sejam bem-vindos. Sou Maria Pereira da Silva – disse ela, abrindo um sorriso radiante.

Por um momento, Patrick ficou sem ação, encantado por aquela mulata esbelta, de 30 e poucos anos, com corpo de sereia, revelado pela calça jeans justa e camiseta branca, cabelos negros e cacheados que chegavam até a cintura. Também lhe chamaram a atenção o sorriso franco, o brilho no olhar e o jeito descontraído da anfitriã.

– Está tudo bem? – perguntou Maria, dirigindo-se especialmente a Patrick.

Meio desconcertado, Patrick respondeu:

– Está tudo bem, obrigado. Acho que a subida até aqui me deixou um pouco zozó – disse ele, tentando disfarçar as emoções. E, estendendo a mão para cumprimentá-la, continuou:

– Muito prazer, sou Patrick Zabo. E estes são Shakir, James e Maurício. Vi que você estava em uma conversa animada com aqueles rapazes e moças. Espero que nossa visita não atrapalhe seu trabalho.

– Imagina, claro que não. Estávamos só acertando alguns detalhes da palestra que você fará amanhã à tarde. A minha turma estava sendo instruída para convidar outros colaboradores da ONG, professores e pessoas da comunidade para virem participar. Mas já passei as principais coordenadas e agora sou toda de vocês – disse Maria, com seu jeito brincalhão.

– É mesmo, gatinha? E o que você propõe para divertir quatro garotões como nós – falou James, dando uma piscadela depois de medir a moça da cabeça aos pés.

– Deixa de ser cafajeste, James. Isso é jeito de tratar a nossa anfitriã? Mais respeito – repreendeu Patrick em tom firme e desafiador. E voltando-se para Maria:

– Peço desculpas pelo que ele disse. Acho que a longa caminhada até aqui e o forte calor deixou a todos nós de miolo mole. Seria bom tomarmos um copo de água e, se não se importa, gostaria de conhecer melhor o espaço de vocês – disse Patrick.

– Claro – respondeu Maria, sem perder a naturalidade. – Vamos até a cozinha para tomar um suco de pitanga que a dona Júlia preparou especialmente para vocês e depois veremos as demais dependências, certo?

Durante a visita, eles puderam conhecer parte do trabalho feito no local. Em uma das salas, mulheres de todas as idades estavam reunidas para aprender corte e costura, em outra sala a aula era de modelagem e pintura em cerâmica, e em outra, de marcenaria. Maria explicou que nos finais de semana os espaços eram ocupados para as oficinas de música e dança. E nos fundos da casa havia um pequeno espaço para a prática de esportes como futebol e basquete.

Depois de mostrar a casa e falar um pouco sobre os projetos da ONG, Maria convidou Patrick e seus acompanhantes para irem até o bar do Maneco e provar os pastéis de carne seca – especialidade da casa – e tomar uma cerveja, o que eles aceitaram com prazer.

James não tirava os olhos de Maria um só instante e sua atitude insolente começava a irritar Patrick. A conversa estava rolando solta até que James, meio embriagado por tantas cervejas, virou-se para Maria e disse:

– E aí cabrocha, se eu te der quinhentas pratas podemos fazer um programinha?

Sem perder a tranquilidade, Maria tomou um gole de cerveja, pousou o copo na mesa, olhou séria para James, e disse:

– Nem quinhentas, nem mil, nem um milhão. Sou uma assistente social e não garota de programa. Sei que há muitas garotas que seguem esse caminho para sobreviver e é compreensível que tenha se enganado a meu respeito, afinal estamos em um país de vários contrastes.

Patrick, indignado com a falta de consideração de James, não aguentou e pegou-o pelo colarinho, ordenando-lhe que se desculpasse pela grosseria. Rapidamente, surgiram imagens na mente de Patrick lembrando-se de grupos de estupradores aos quais James e Shakir deram treinamento, para que intimidassem as populações de regiões da África, fazendo-as submissas através do estupro das mulheres.

– E se eu não pedir desculpas você vai fazer o quê? Me bater? Por causa dessa vagab...

James não concluiu a frase, interrompido pelo soco certo que Patrick deu em seu rosto, fazendo-o cair no chão. Furioso, ele se levantou, pronto para revidar, quando Maú e Shakir o seguraram.

– Deixa disso, James. Quando você bebe só faz besteira. Vamos sair daqui para você se acalmar. Lembre-se que temos uma missão a cumprir. Não ponha tudo a perder ou as consequências serão terríveis. Conhece bem o nosso chefe, não é? – disse Shakir, levando o companheiro para o carro. E voltando-se para Maú, sussurrou: – Fique de olho naqueles dois, está bem? Vou levar o James até em casa para que tome um banho frio. Mais tarde nos encontramos.

“Patrick, isso não vai ficar assim. Quando terminarmos nossa tarefa você vai acertar as contas comigo”, pensou James, dentro do carro.

Aproveitando o momento, Patrick e Maria conseguiram se distanciar de Maú, caminharam até uma praça e sentaram-se em um banco sob uma árvore.

Com seu jeito alegre e jovial, próprio das pessoas que nasceram no Brasil, Maria cativou de imediato a simpatia de Patrick e os dois conversaram como se fossem velhos amigos se reencontrando após muitos anos.

– Por favor, não me leve a mal, nem pense que sou maluca. Mas me sinto tão a vontade com você! Acabamos de nos conhecer e, no entanto, tenho a sensação de que já nos encontramos outras vezes – disse Maria, sem medir palavras, nem tentar negar o que seu coração estava sentindo.

– Não, você não é maluca. Eu também me sinto da mesma forma. Assim que a vi fui tomado por uma sensação muito forte de que este não era o nosso primeiro encontro – respondeu Patrick.

– Na favela, as mulheres mais idosas sempre falam que o ser humano está sujeito a muitos mistérios. Embora não estejam ligadas diretamente ao espiritismo, muitas delas acreditam em vidas passadas, em reencarnação. Às vezes, fico pensando nisso. Fico olhando para as minhas mãos e percebo que eu não sou apenas este corpo, nem esta mente, mas que há algo mais. Desde que percebi a existência de meu eu interior, passei a ver a vida de outra forma, mais responsável, mais preocupada com a melhora geral da humanidade – continuou Maria.

– Eu também penso assim. Aliás, em meu país, a maioria dos africanos pensa dessa forma. Isso faz parte da cultura herdada dos antepassados. A questão é que não elaboraram melhor esse conceito e permaneceram estagnados, sem compreender o significado da vida. No mundo dos brancos é ainda mais confuso, pois não há mais uma cultura ancestral baseada na natureza e em suas leis – argumentou Patrick.

– Você tem razão. Outro dia assisti a um programa da TV em que os cientistas entrevistados tomaram a teoria darwiniana ao pé da letra e apresentaram as mais estapafúrdias ideias, dizendo que a vida é uma só e por isso temos que aproveitá-la ao máximo. Diziam também que somos produto de uma evolução inconsciente e que as religiões inventaram a existência de um Criador incoerente e ilógico, para poderem, com isso, acalmar os aflitos, oferecendo-lhes um lugar no céu em troca do sofrimento atual. São explicações arbitrárias e sem sentido.

– De fato – concordou Patrick. – Sempre devemos aproveitar a vida ao máximo, sem perder tempo, pois ele é muito precioso, utilizando cada minuto para nos aprimorar como seres humanos, pois só assim poderemos construir um futuro melhor. Mas não apenas isso. Também devemos dar atenção ao lado espiritual. Hoje a vida dos seres humanos é vazia. Percebemos isso em toda parte. É um fenômeno global. Aqui, no Rio de Janeiro, em meio à miséria e violência, vemos bem nítida essa situação da população que passa o ano inteiro sonhando e se preparando para o carnaval, sem entender o real significado da existência. Quanto aos cientistas, eles têm razão no tocante às religiões, mas em sua restrição intelectual não foram capazes de pressentir a existência de um Criador e suas leis que nos falam através da natureza.

Maria pensou um pouco e completou:

– Minha grande preocupação é como vou conseguir fazer com que as novas gerações comecem a ver a vida de forma mais integrada com a natureza e comprometida com a melhora da qualidade humana. E devo confessar que a sua chegada renovou minhas esperanças. Sinto que poderei contar com sua ajuda, sua força e sua energia para dar andamento ao meu projeto.

De forma quase inconsciente, ela se aproximou de Patrick, que a envolveu num forte e caloroso abraço.

Na manhã seguinte, Maria se encontrou com Patrick às sete horas da manhã e os dois seguiram para um bairro pobre, perto da Rocinha. Em um campo improvisado, um grupo de meninos jogava uma partida de futebol.

– Alguns desses meninos sequer conhecem o próprio pai. Enfrentamos o grave problema da subnutrição. Muitas crianças não conseguem aprender direito devido a deficiências na alimentação. Temos que conscientizar as mães sobre a importância de uma primeira refeição substancial. Felizmente, muitas mães estão se conscientizando da necessidade de prepará-los melhor para a vida e pediram nossa ajuda. Atualmente, estamos elaborando um projeto para atender a esse objetivo – disse Maria.

– Isso me faz lembrar uma frase do discurso que Mandela, ou melhor, Nelson Mandela, fez em certa ocasião na África: “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”. Concordo em gênero, número e grau com ele e, a par-

tir desse conceito, reuni algumas ideias que poderão ser aproveitadas no seu trabalho junto a esta comunidade, pois os países atrasados precisam dar mais atenção ao seu capital humano, ou a decadência será inevitável. A falta de propósitos e esperanças que avassalam as novas gerações é minha constante preocupação e sempre me pergunto: O que podemos fazer? Como dar o necessário preparo para os pais e mães do presente e do futuro para uma paternidade responsável?

– Muito bom – respondeu Maria. – Você poderia falar sobre isso também na palestra que fará hoje à tarde na ONG?

– Certamente, Maria. Seu desejo é uma ordem – respondeu Patrick, beijando-lhe delicadamente a mão.

Mais tarde, os dois voltaram a se encontrar na ONG. O local simples estava perfeitamente limpo e adornado com muitos vasos de cerâmica, feitos pelas artesãs da instituição, repletos de flores do campo. Após as apresentações, os convidados tomaram seus lugares e Maria deu a palavra a Patrick que, em pé, pegou um giz e, aproximando-se do quadro negro, começou a falar e a desenhar as suas ideias.

– Por favor, não se espantem – começou ele, de forma descontraída. – Sei que estamos em plena era digital, mas além do projetor que está na mesa e das apresentações em Power Point, acho indispensável utilizar o giz e o quadro negro. Pode até parecer meio jurássico, de tão antigo, mas o quadro negro ainda é a melhor forma de permitir maior proximidade. É neste quadro que irei registrar as impressões e as ideias que vocês me transmitirão durante

a nossa conversa. Com ele, terei mais condições de expor o raciocínio – meu e de vocês – e de agregar novas possibilidades.

Depois de desenhar uma casa no quadro e de escrever na porta desta a palavra *Escola*, Patrick continuou sua explanação:

– Meus amigos, a educação dos jovens exige uma adaptação das instituições de ensino aos tempos atuais. Todos nós percebemos que a escola está passando por uma séria crise na sua função. Temos uma enorme população de adolescentes despreparados para a vida. As famílias se desestruturaram, os pais não conseguem mais motivar os filhos a se prepararem para a vida e isso faz com que a escola assuma uma responsabilidade ainda maior, exigindo dos professores esforço e dedicação como em nenhuma outra época. Para que seja alcançada uma boa educação, necessitamos resgatar o respeito humano e a consideração mútua nas salas de aula, oferecendo aos professores reconhecimento e apoio para motivar os alunos a aprender a ler, escrever e interpretar textos; a adquirir o hábito da leitura; e a se conscientizar sobre a importância do aprendizado contínuo e do aprimoramento pessoal. Mas diante da precariedade atual, temos que começar esse processo antes mesmo do nascimento das crianças, iniciando o seu preparo já durante a gravidez das mães.

Uma das participantes levantou a mão para falar:

– Olá Patrick. Sou professora e tenho me esforçado para motivar os alunos, mas não tenho obtido sucesso. Na sua opinião, o que eu poderia fazer?

– Sua pergunta é muito boa e reflete a preocupação de muitos educadores. Acredito que não basta alfabetizar, mas principalmente estimular os estudantes a apreciar a leitura. Um dos

caminhos é levar a eles livros cujas temáticas estejam mais próximas da sua realidade e despertem neles a curiosidade e a imaginação, desenvolvendo o prazer da leitura. Eles precisam se empolgar com a vida e aprender de tudo um pouco, principiando pelas coisas mais simples que diretamente os atingem. É o que diz o princípio do atendimento das necessidades humanas proposto pelo psicólogo norte-americano Abraham Maslow, que defende a ideia de que se deve avançar continuamente para evitar a estagnação e a acomodação. Atendidas as necessidades básicas, devemos buscar o aprimoramento da espécie humana como meta prioritária de tudo o que fazemos, aprendendo sobre o corpo, a conservação da saúde, sobre a alimentação, sobre a serenidade da mente e o controle dos pensamentos negativos.

Patrick fez uma pausa, buscando as palavras, e completou o que queria dizer:

– Percebam, quando os pensamentos são bons, eles criam um ambiente acolhedor que nos alegra incentivando as boas ações. Mas, atualmente, no mundo dos pensamentos há muito negativismo que incentiva o mal, e isso nos deprime. A mesquinhez impede o desabrochar da alegria e grandeza da alma.

Em seguida, pegou o giz e desenhando um globo terrestre, voltou a falar:

– Mas não basta apenas isso. Muitos jovens não estão satisfeitos, alegando que temos lhes oferecido muitas futilidades em vez do saber real sobre a vida. Assim, eles se cansam da escola e a abandonam por julgarem que ela não lhes oferece nada de novo. O conhecimento sobre o nascimento do planeta Terra e o

funcionamento dos mecanismos que possibilitam a vida é indispensável para a formação de uma humanidade que possa admirar a vida, a cooperação e a paz. Necessitamos conscientizá-los de que eles também fazem parte da humanidade e devem ter como objetivo a contínua melhora pessoal e da qualidade de vida.

– Mas então o que devemos ensinar? – perguntou outro professor.

Patrick desenhou um livro no quadro negro, unindo-o ao globo, e prosseguiu:

– O que ensinar aos jovens? Ler e escrever são habilidades básicas e um exercício para a vida toda. Mas é preciso que os jovens também saibam compreender aquilo que leem. Outra disciplina fundamental é a de Ciências, porque fazemos parte da natureza e é importante sabermos como a ela funciona. Física, Química e Biologia nos ajudam a entender o mundo onde vivemos. Geografia e História, classificadas como ciências humanas, também são excelentes maneiras de levar os jovens a compreender a atuação do homem ao longo dos séculos, a ocupação do planeta, a fundação das cidades e o desenvolvimento econômico. E tudo isso tem muito a ver com a Matemática, que envolve medidas, distâncias, valores e cálculos. Enfim, eu diria que para a boa compreensão de que fazemos parte da natureza, é necessário termos uma visão integrada do planeta, com seus mares, rios, florestas e montanhas, e seu imutável ciclo de transformação e renovação. A pureza do ar que respiramos, a água como o suporte da vida, a integração da fauna e da flora e o solo gerador de nutrientes para todas as espécies são elementos básicos para a educação fundamental. Através dessa visão, surge a considera-

ção por todas as espécies e pelos semelhantes, incentivando a paz e o progresso. Por outro lado é preciso ter atenção. Devem ser evitados os ensinamentos dogmáticos. A compreensão da sequência lógica nos acontecimentos naturais é vital para o desenvolvimento do raciocínio claro e da reflexão intuitiva. Não há espaço para misticismo.

Após tomar um gole de água, Patrick prosseguiu:

– Eu acho que o grande desafio para os educadores é saber envolver os alunos a fim de que eles se sintam motivados a aprender. Os alunos e seus pais precisam reconhecer que a escola dispõe de um diretor forte e determinado a obter melhoras, e que ponha em prática programas inteligentes e estimulantes para o aprendizado. Sem isso, eles não irão se esforçar para alcançar uma mudança positiva. Os pais devem se envolver com o estudo dos filhos mostrando seu interesse pela leitura, incentivando-os para que, cada vez mais, tenham dedicação e responsabilidade, desenvolvendo-os como pessoas de valor. Ou fazemos isso, ou corremos o risco de transformar as novas gerações num bando de alienados desconhedores do significado da vida. Mas eu também gostaria de ouvir a opinião de vocês e se há alguma questão que gostariam de debater.

Maria estava maravilhada com a explanação de Patrick e aproveitou para fazer um comentário:

– Obrigada pela oportunidade, Patrick. Eu gostaria de lhe falar sobre algo que está acontecendo aqui, no Brasil. No passado, tínhamos uma classe média não muito numerosa, mas com bom preparo e acesso a escolas públicas de qualidade. Também havia, na época, um grande contingente de pessoas impossibili-

tadas de consumir, em decorrência da baixa renda e da inexistência de financiamento para as classes menos abastadas. Porém, quem sabia ler era grande consumidor de livros. Assim, as crianças desenvolviam o hábito da leitura desde cedo. Com a globalização da economia, e outros fatores, houve uma mudança significativa nas condições da população. A classe média vem perdendo espaço, porém está ocorrendo crescimento da classe baixa. Metade da população está entrando no mercado consumidor de bens. Aos poucos essa nova classe começa a perceber a necessidade de investir mais na educação, não se contentando com uma escola pública ineficiente. No entanto, ainda permanece distante dos livros e é preciso que seja feito um trabalho para despertá-la sobre o grande valor da leitura. Acho que nesse ponto o governo e as empresas devem se aliar para criar uma estrutura educacional, além de estratégias que assegurem um crescimento sustentável, não só da economia, mas também da qualidade de vida da população, e que, efetivamente, os estudantes sejam motivados para o aprendizado contínuo. Só assim poderemos eliminar o nosso atraso secular e nos tornarmos conscientes sobre a nossa responsabilidade no planeta Terra.

– Muito bom o seu comentário, Maria, você está indicando uma diretriz indispensável não só para o Brasil, mas para o mundo todo, disse Patrick.

Alguém mais gostaria de falar?

Um outro professor, que estava ouvindo a tudo atentamente, levantou a mão e foi logo perguntando:

– Mas qual é especificamente o nosso papel? Às vezes, percebo um movimento para que sejamos afastados e substituídos por computadores.

Patrick desenhou no quadro um computador e disse:

– O computador e a internet estão revolucionando a forma de propagar conhecimentos. No entanto, o ser humano, para aprender de fato, precisa desenvolver a sua consciência. Ele deve comunicar-se com seu “eu” interior para entender o seu papel na vida e não se comportar como um mero robô. A internet é excelente, mas não substitui as horas calmas de leitura e introspecção, e tampouco o professor para esclarecer dúvidas e estimular o diálogo.

E continuou falando:

– Os alunos precisam de modelos adequados para se basear até que, com seu próprio discernimento, assumam as atitudes que julgarem mais apropriadas. Eis aí a grande importância dos professores: eles devem ser capazes de mostrar a sua humanidade através das atitudes, pois máquinas para ensinar e entreter as crianças já existem aos montes. A presença do professor é indispensável, pois é sempre útil seguir as pegadas de quem abriu caminhos. Bem, agora é sua vez – disse, apontando um jovem professor que levantou a mão. Fale, caro amigo.

– Eu comecei a lecionar há pouco tempo e não entendo por que livros, revistas e jornais sempre falam dos graves problemas que nos afligem, mas logo depois tudo cai no esquecimento e ninguém faz nada para encontrar as soluções, e tudo continua piorando.

– De fato, isso ocorre e, devido à indolência e interesses egoísticos, assim não se percebe o quanto estamos regredindo. Como humanos, deveríamos estar atentos e ativos, fazendo um esforço para eliminar tudo o que impede a melhora geral. Mas, para isso, é necessário que o eu interior esteja desperto para não se deixar influenciar negativamente, nem de cumprir o seu papel na vida.

Patrick olhou para o relógio e em seguida para Maria, que, levantando-se, começou a falar:

– Meus caros amigos, o professor Patrick precisa cumprir outros compromissos, mas de tudo que ouvimos aqui, acho que devemos tomar alguma atitude prática. Para que seja atendida a finalidade prioritária de elevar a qualidade humana, o essencial é a vontade interior: os estudantes, professores e a sociedade em geral, precisam transformar o querer em ação – o “querer” aprender e o “querer” ensinar – pois, sem isso, nenhuma outra condição produzirá melhoras consideráveis no ensino e no nível do aprendizado. Por isso acho que devemos preparar uma moção com nossas conclusões, para que seja enviada às autoridades e a todos os professores das escolas públicas e privadas. Quem está de acordo?

Todos levantaram as mãos para manifestar sua concordância. Maria passou a palavra a Patrick para o encerramento:

– Não há dúvida de que estamos atravessando uma fase conturbada. As pessoas estão se perdendo pela falta de propósitos, o que demonstra a necessidade de fazermos profundas mudanças. Sem a contribuição da intuição e do bom senso cometemos muitos erros. Já é visível o anseio por uma forma de vida menos desgastante, com mais alegria e cooperação, sem destruição do meio ambiente e que propicie a evolução real. Além de melhorar as condições materiais, os indivíduos das novas gerações precisam querer tornar-se seres de valor, que buscam a paz e o progresso. Temos de lutar por nossos direitos sem ficarmos envenenados pelo ódio e insatisfação. Não basta que tenhamos feições humanas, necessitamos agir como seres humanos com responsabilidade pelo futuro das novas gerações. Se não dermos às novas gerações o devido preparo, orientado-as sobre a vida e sobre as profissões, a decadência e o atraso serão inevitáveis.

Na sala ao lado, enquanto aguardava o final da palestra, James segurava em uma das mãos um copo de bebida e, na outra, o celular:

– Chefe, já estou ficando cansado do nosso convidado e ansioso para queimar o arquivo. Quando vou poder cuidar disso?

A voz do outro lado da linha sentenciou:

– Tenha paciência. Eu também estou preocupado, pois o nosso convidado sabe demais e acho que isso é muito perigoso para nós. Preciso ponderar uma série de questões. Assim que decidir, passarei novas instruções. No momento, continue acompanhando seus passos e me informe de tudo o que está acontecendo por aí.

No dia seguinte, Maurício convidou os amigos para irem ao Maracanã e assistir ao jogo do Brasil, mas James achou que não seria uma boa ideia, afinal, o chefe havia dado instruções claras para que evitassem se expor em lugares públicos. Poderia ser perigoso, pois haveria muita gente e, principalmente, muitas câmeras.

Diante disso, a saída foi assistir ao jogo pela TV. A partida foi tensa e, no final, o time brasileiro perdeu. Maú não se conformou e, xingando o juiz, perguntou a Patrick o que tinha achado do resultado.

– Acho que foi justo porque o time brasileiro, apesar de contar com um jogador a mais, se descontrolou. Os jogadores passaram a fazer jogadas individuais, enquanto o adversário se manteve coeso no jogo de equipe, dando passes de bola bem na medida. Já os brasileiros atrasavam a bola, dando tempo ao adversário para recompor a defesa. No final, jogaram sem capricho e com raiva, o que os fez perder o foco.

– Ora, vejam só! Temos um doutor em futebol – comentou Shakir em tom sarcástico.

– Não sou doutor – respondeu Patrick. – Mas o futebol é um dos elementos que usamos na formação dos jovens. É um jeito lúdico de mostrar, na prática, a importância da disciplina e do trabalho em equipe.

Capítulo 5 – Discussões e frustrações

Em Copenhague, no final de um dia intenso de reuniões na COP, os componentes da Fraternidade Ametista se reuniram na casa cedida por um amigo de Master para que pudessem conversar livremente e analisar os últimos acontecimentos. Na televisão, o noticiário mostrava manifestantes de organizações defensoras do meio ambiente protestando do lado de fora do centro de conferências e a ação repressora da polícia. Na confusão, policiais usaram cassetetes e spray de pimenta para reprimir a manifestação e acabaram prendendo centenas de pessoas.

– Quanta violência! Quando será que as pessoas vão aprender a protestar de modo pacífico e quando será que os policiais saberão respeitar os direitos dos cidadãos sem usar de violência? – questionava Viveca Sanches, espantada ao ver tudo aquilo.

– Tem razão, Viveca. Esse tipo de comportamento não leva a nada. Como humanos, que somos, deveríamos tratar dessas questões com lucidez e serenidade – disse Master.

– Mais decepcionante do que isso são as discussões que vem sendo travadas entre os líderes mundiais dentro da COP – comentou Ivan Ruiz. – Apesar das boas intenções, não sei se conseguiremos chegar a um consenso. O ministro do Meio Ambiente da Índia salientou que o pacto de Kyoto estava em “tratamento intensivo”. Mas o esperado era que os chefes de Estado de todo o planeta concordassem sobre um acordo global que contribuísse, de fato, para arrefecer as temperaturas em elevação. Se nada for feito, iremos enfrentar ondas de calor intensas, inundações, desertificação e elevação do nível das marés. Achei interessante quando o indiano acusou os países ricos de tentarem deixar o pacto de escanteio.

– A questão é que quando falamos em aquecimento global, na verdade nos esquecemos de outros aspectos igualmente importantes e acabamos limitando muito a situação que está evoluindo para uma profunda alteração nos elementos constitutivos da vida – completou Master.

– Eu gostei da posição do secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, quando afirmou que está “razoavelmente otimista” sobre o curso da cúpula para os próximos três dias e destacou que o novo acordo deverá ser “justo, amplo, equitativo e operacional de forma imediata” – acrescentou Bárbara.

– É Bárbara, mas a situação é tensa – comentou Master. – A ministra dinamarquesa do Meio Ambiente, Connie Hedegaard renunciou à presidência da COP 15 em favor do primeiro-ministro da Dinamarca, Lars Lokke Rasmussen, alegando que, com a chegada de tantos líderes de Estado e de governo, seria mais apropriado que ele assumisse o cargo. A questão é que Connie vinha sendo criticada por nações em desenvolvimento por supostamente favorecer nações ricas nas negociações. Isso não é bom. É preciso que haja união em torno do que é essencial.

Carlo Arnaboldi aproveitou para entrar na discussão: – É leviano dizer que apenas os ricos estão destruindo o planeta. É claro que os empresários se aproveitam das situações que possam gerar lucro, mas não podemos negar que o ponto crítico está na superpopulação que continua aumentando. A estimativa é de que, em 2050, haverá no planeta mais de 9 bilhões de pessoas que precisarão comer, beber e satisfazer suas necessidades. Como garantir esse direito a todos? E há também o problema da água potável que está seriamente ameaçada de acabar.

– Tem razão, Arnaboldi, completou Ivan. – Segundo o relatório da ONU *Water in a Changing World*, mais de 1 bilhão de

peças já não têm acesso a água de boa qualidade e 2,5 bilhões não dispõem de redes de coleta de esgotos. Como a população mundial continua crescendo à razão de 80 milhões de pessoas por ano, são mais 64 bilhões de metros cúbicos anuais no consumo global de água.

Brenda, que estava ouvindo a tudo calada, entrou na conversa: – Contudente foi a fala do delegado da Ilha de Tuvalu, Ian Fry, durante a sessão plenária, quando disse que tinha a sensação de que todos nós estamos a bordo do Titanic e que o navio já está afundando.

– Como vemos, são muitos os problemas sem solução porque não há consenso nem regras claras quanto ao compartilhamento dos recursos naturais entre os seres humanos. Vamos observar como prosseguirão os trabalhos. Mas agora convém irmos descansar – disse Master.

– E quanto ao Jamal, alguém teve alguma notícia? O Malik voltou a ligar? – perguntou Bárbara.

– Falei com Malik antes de vocês chegarem – respondeu Master. – Até o momento não há nenhuma novidade, a não ser que Samira, a filha de Jamal, está na África e se juntou ao tio para tentar achar alguma outra pista do seu paradeiro. Confesso que tinha esperanças que ele ainda viria para cá, trazendo o relatório que estava elaborando e que, tenho certeza, seria a única coisa que poderia acirrar as discussões na COP e até convencer os líderes a fazer um pacto em prol do planeta. Mas, infelizmente, isso não aconteceu. E se Dark está envolvido, Jamal deve estar sendo mantido preso em algum local.

– E vamos ficar de braços cruzados? – protestou Arnaboldi.

– Claro que não. Sob minha orientação, Malik e Jean Baptiste contrataram detetives especialmente treinados para lidar com esse

tipo de situação. Eles pertencem a uma organização paramilitar composta por ex-combatentes. Apesar de mercenários, são movidos pelo ideal de só aceitar trabalhar por boas causas e para salvar inocentes das mãos de bandidos e de pessoas inescrupulosas. Eles já entraram em ação e acredito que em breve teremos notícias. Agora vamos descansar porque amanhã teremos um dia cheio – concluiu Zaion.

Longe dali, em Paris, Giorgio Dark e Anita Backer conversavam alegremente, enquanto tomavam uma taça de champanhe em um dos mais requintados restaurantes da cidade.

– Ao que estamos brindando mesmo? Ao nosso reencontro ou ao meu excelente desempenho quanto àquele africano metido a intelectual? – perguntou Dark, com um sorriso malicioso.

– A ambos, meu caro – disse Anita, encostando sua taça na de Dark para um brinde. – Olav ficou encantado com seus métodos e com a rapidez com que se livrou daquele petulante. Ele me disse que já fez um polpudo depósito em sua conta e que num futuro próximo irá querer a sua ajuda para um outro assunto. Mas não me deu detalhes sobre isso. Ele ficou tão feliz que acabou me dando um bônus a mais por tê-lo apresentado a você e ainda este belo colar – disse Anita, afastando os cabelos para mostrar a joia em seu pescoço.

– E quanto a mim? Ficou feliz em me ver?

– Você sabe que sim. E sei que você também gostou de me reencontrar. Mas você bem que podia me dar um par de brincos para combinar com o colar, só para provar o quanto está feliz – disse Anita, com sua voz sensual.

Dark deu uma gargalhada e disse: – Você continua a mesma, minha querida. Nunca perde uma oportunidade para se dar

bem. É meu tipo de garota, sem dúvida. Depois do jantar, vamos a uma joalheria. O que mais quero hoje é te ver feliz.

Na mesa ao lado, três homens muito bem vestidos com ternos caros, aparentavam ser empresários tratando de negócios. Eles aproveitaram o momento em que Anita se levantou para ir ao toalete e sentaram-se à mesa de Giorgio Dark. Um deles chegou bem perto de Dark e disse em voz baixa:

– Eu e meus companheiros estamos armados e se não quiser levar um tiro, faça exatamente o que dissermos.

– Quem são vocês? É um assalto? Podem levar minha carteira e meu carro. Não vou reagir – disse Dark, em tom calmo.

– Não, senhor Dark, não é um assalto. É um sequestro, talvez bem parecido com aquele que o senhor armou para Jamal. Agora, pegue esta caneta e este papel e escreva um bilhete para sua acompanhante, dizendo que precisou atender a uma emergência. Depois, vamos sair, andando calmamente. E não se preocupe com a conta. Já está paga. Cortesia da casa – disse um deles.

Sem opção, Dark obedeceu, mas enquanto escrevia o bilhete disse: – Vocês não fazem ideia com quem estão se metendo. Vão se arrepender por isso, eu juro.

– Cale a boca e faça o que estamos mandando. Deixe o bilhete na mesa e vamos andando. Se tentar alguma gracinha, leva chumbo – disse o outro homem.

Eles se dirigiram ao carro de Dark, colocando-o no banco traseiro. Um dos homens sentou-se ao seu lado, apontando-lhe uma arma, e os outros dois foram na frente. Assim que o carro saiu, outro carro que estava estacionado do outro lado da rua os acompanhou.

– O que vocês querem afinal de contas? É dinheiro? Posso arrumar o suficiente para vocês me deixarem em paz – disse Dark, bastante irritado.

– Se quiser sua liberdade de volta, basta nos entregar o africano Jamal, disse o homem que estava dirigindo o carro.

– Jamal? Não conheço ninguém com esse nome – respondeu Dark, em tom irônico.

– Vamos para um lugar bem agradável, ajudá-lo a refrescar sua memória. Enquanto isso, não tente nenhuma gracinha. Tá vendo aquele carro que está nos seguindo? É nossa escolta. Se quiser continuar inteiro, comporte-se.

Após algumas horas andando de carro, o homem que estava sentado ao lado de Dark amarrou suas mãos e lhe pôs uma venda nos olhos. Eles rodaram mais algumas horas até chegarem a uma casa, na campanha francesa, bem afastada da cidade e de outras residências. Os homens levaram Dark para o porão da casa, o fizeram sentar em uma cadeira e lhe tiraram a venda dos olhos. Um deles começou a falar, em tom ameaçador:

– Está vendo aquele homem ali? – apontou para o mais encorpado de todos, um homem de mais de 1,90 m de altura, musculoso e com o nariz quebrado. – Ele é o Joe, um ex-pugilista que está doido para dar uns socos em alguém. Se você não cooperar, ele vai treinar na sua cara. Pois bem, onde está Jamal? O que você fez com ele? E não adianta negar que o conhece. Sabemos que esteve com ele em Dandara e que depois disso ele sumiu.

– Está bem, está bem. Não tenho por que mentir. Realmente, eu o procurei porque tinha uma excelente proposta comercial para fazer a ele, e que iria beneficiar enormemente o seu país. Mas, sabe como são esses africanos. São muito complicados e cheios de exigências. Ofereci a ele as melhores alternativas, mas ao final, ele não aceitou nenhuma delas e não tive outra opção a não ser desistir.

– Não seja mentiroso, Dark, nós sabemos sobre seus negócios sujos. Mas isso não nos interessa. Só queremos o Jamal de volta.

– Mas já lhes disse, não sei nada sobre ele. Depois que conversamos, nunca mais o vi.

– Ah não? Temos uma gravação sua, falando com um ex-policial que foi expulso da sua corporação em Nova York por comportamento inadequado, especialista em “queima de arquivos”. Escuta só.

Na gravação, a voz dizia que já estava com Jamal e pedia instruções a Dark sobre o que fazer com ele. Após o ouvir gravação, Dark negou – essa não é a minha voz, acho que vocês estão loucos, e tentou reagir, mas levou um soco no rosto.

– Sabe o que vamos fazer? Uma troca. A sua vida pela vida do Jamal. O que acha? Você só sairá vivo daqui e com boa saúde, quando Jamal voltar para casa. Estamos entendidos?

Capítulo 6 – Decepção na COP

Após o encerramento dos trabalhos na Conferência do Clima, Master e seus amigos se reuniram para manifestar sua decepção com o desfecho insípido do maior encontro dos líderes mundiais. Todos lamentaram a falta de alguma decisão mais significativa para o bem geral da humanidade do presente e do futuro.

– Infelizmente ocorreu o que já esperávamos – reclamou Brenda. – Os apelos feitos por Kofi Annan, ex-secretário geral das Nações Unidas, não foram ouvidos.

– É verdade – continuou Humberto Sanches – foi no seminário realizado pela Havas Worldwide que Annan declarou que as mudanças climáticas estavam se agravando no mundo todo e que isso iria comprometer não apenas os ursos polares, que devido ao degelo estão perdendo seu habitat, mas também a vida do ser humano na Terra. E essa deveria ser a preocupação primordial. O fato é que se cuidarmos dos animais estaremos cuidando de nós mesmos – completou.

Carlo Arnaboldi também entrou na conversa:

– Aliás, vale lembrar as palavras jocosas de Hervé de Clerck, que ao abrir o seminário disse que o tema do painel iria discutir o futuro do planeta e o futuro da raça humana, que está ameaçada pelas mudanças climáticas em curso. Ele fez uma brincadeira para representar a importância do engajamento de todos naquilo que seria mostrado a seguir: em um safári na África, diante de leões

adormecidos, uma pessoa atira uma pedra sobre os animais para vê-los em movimento. Quando os leões passam a correr atrás dos turistas, eles fogem, mas um deles não se move. Alertado pelo grupo que será devorado se não fugir, ele responde: não fui eu quem atirou a pedra. Todos que estavam presentes na reunião riram com a história, mas, ao final, Hervé de Clerck, sério, afirmou que no caso das mudanças climáticas, todos nós atiramos as pedras e iremos sofrer as consequências.

– Foi engraçado mesmo – disse Bárbara, rindo. – Mas, neste seminário, o que achei emocionante foi a intervenção de Bob Geldof, presidente da Havas Worldwide, quando disse que se o aumento da temperatura do planeta for igual ou superior a 2 graus, será o fim de Cannes. Não haverá mais festival de cinema porque a cidade se transformará num deserto ou numa área inundada. Ele lembrou ainda que neste século, a cada década, o continente africano sofrerá uma elevação na temperatura de 0,2° ou 0,5°. Mais uma estimativa: em 2020, a neve do monte Kilimanjaro irá desaparecer. E 16 milhões de pessoas dependem das águas do degelo desse monte. Para fugir dessa e outras ameaças, haverá grandes movimentos migratórios. Ele estava certo quando disse que o planeta poderá sobreviver, mas a espécie humana não.

– Tudo isso é, ao mesmo tempo, cômico e triste. Precisamos nos dar conta de que estamos numa grande enrascada. Já não basta limpar o ar do carbono e de outros poluentes. É preciso muito mais. Temos que cuidar do meio ambiente como um todo, dando atenção para o solo e para a água, educando a população em geral para o bom entrosamento com a natureza – completou Master.

– No México, onde nasci, o descaso com a poluição das águas é contínuo. Infelizmente, outros países da América Latina ainda enfrentam problemas com a falta de saneamento básico para grande parcela da população. O Brasil, apesar de seu potencial, ocupa a sétima colocação no ranking dos países com maior população sem acesso nem mesmo às fossas. São 18 milhões de pessoas nesta situação – informou Humberto Sanchez.

– É uma situação lamentável – continuou Master. – Nada mais faz sentido porque estamos vivendo na era do dinheiro e da economia insustentável. O dinheiro continua sendo a prioridade em nossa civilização. Para os materialistas, nada mais tem valor, nem o ser humano, nem a natureza. No entanto, apesar do descaso com essas questões, as transformações climáticas já são inegáveis e, querendo ou não, toda a população do mundo precisa despertar para essa realidade. Por mais que se esforcem, os cientistas não conseguem identificar o que está causando tantas alterações ao mesmo tempo. Pela primeira vez, os poderosos se encontram diante de uma situação sobre a qual não possuem nenhum controle e ainda não sabem o que fazer.

A conversa foi interrompida pela chegada de Malik, Samira e Jean Baptiste. Com o semblante abatido, os três haviam acabado de voltar da África, trazendo notícias não muito animadoras.

– Amigos, os mercenários que contratamos capturaram Giorgio Dark, em Paris. Acabei de falar com o chefe deles, John Smith, pelo telefone. Eles o levaram para uma cabana, numa cidadezinha do interior da França e o interrogaram, mas até agora não conseguiram arrancar nada sobre o paradeiro de Jamal – confessou Malik.

– Dê tempo ao tempo, meu amigo – disse Zaion, tentando acalmar Malik. – Antes de mais nada, sentem-se, tomem um bom chá e comam os deliciosos brioches e tortas que as nossas queridas Brenda e Bárbara fizeram com tanto carinho.

E voltando-se para Samira, Zaion continuou: – Fico feliz que tenha se juntado a nós, Samira. Na nossa companhia estará protegida e não correrá riscos no caso de os sequestradores de seu pai acharem que precisam de mais algum trunfo.

– Então, acha mesmo que ele foi sequestrado? Ele está vivo? Tem alguma informação sobre ele? – questionou a jovem, com os olhos cheios de lágrimas.

– Calma, minha querida. É claro que ele está vivo. E não apenas acho que ele tenha sido sequestrado. Estou certo disso – revelou Zaion, deixando a todos espantados.

E continuou:

– O lado bom de sermos uma fraternidade é que temos amigos no mundo todo. Assim que Jamal desapareceu, passei um alerta geral para todos os afiliados e simpatizantes da nossa causa. E nessa era da internet, a comunicação é muito rápida. Você, minha jovem, sabe muito bem disso, não é, Samira? Como é que a sua geração costuma saber das coisas? Pelo jornal? Pelas revistas, ou televisão? Não. Vocês sabem de tudo o que acontece por meio dos sites de relacionamento. E foi monitorando um desses sites que um dos nossos aliados nos enviou uma informação va-

liosa. Eu só estava esperando vocês três chegarem para contar isso a todos.

– Fale logo, Master, já estou ficando ansiosa – disse Brenda.

– Coma mais um brioche para se acalmar, minha doce Brenda. O que tenho para dizer é animador – disse Zaion. E continuou:

– Pois bem, como estava dizendo, um dos nossos aliados costuma fazer parte de várias comunidades virtuais e, em uma delas, ficou sabendo de uma palestra muito interessante, ministrada por um africano em uma ONG no Brasil. Ao que parece, um dos participantes, que é professor de uma escola pública, filmou a palestra e postou uma parte dela em seu blog.

E abrindo seu notebook, Master digitou um endereço e na tela apareceu Patrick, desenhando um globo em uma lousa e depois, voltando-se para a plateia para continuar sua explanação.

– É o papai – gritou Samira, comovida.

– Não há dúvida de que é o Jamal. Mas será que esse vídeo não é antigo? – questionou Malik.

– Este vídeo é bem recente e foi feito em uma ONG no Rio de Janeiro, chamada Jovens da Nova Era. Depois que assisti ao vídeo, liguei para o nosso amigo Frei Benvindo e ele foi pessoalmente até o local. Lá, ele soube que um africano havia chegado há poucos dias, acompanhado de mais três homens mal-encara-

dos que não saem de perto dele. Não souberam dar mais informações. Disseram apenas que o tal africano se chamava Patrick e que tinha ido ao Brasil para fazer algumas pesquisas.

O burburinho tomou conta da sala. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, mal conseguindo conter as emoções.

– Bem, e o que vamos fazer agora? – perguntou Jean Baptiste.

– Primeiro, vamos todos nos acalmar. Sei que a notícia provocou impacto, mas precisamos arquitetar os próximos passos cuidadosamente. Jamal está bem, mas não totalmente fora de perigo. Não sabemos quais são os planos de Dark, por isso temos que ser cautelosos. Frei Benvindo já convocou alguns dos nossos aliados no Brasil para acompanharem Jamal de perto, mas sem serem notados pelos capangas de Dark. Nossos amigos já sabem onde ele está hospedado e estão de tocaia dia e noite.

E Master continuou:

– Temos que agir rápido porque provavelmente um dos homens de Dark vai telefonar para ele e irá estranhar quando não conseguir encontrá-lo.

– O que tem em mente? – questionou Malik.

– Acho que não temos outra saída. Vamos para o Brasil para negociar com os bandidos. Vamos dizer a eles que queremos fazer uma troca: o Jamal pelo Dark – revelou Master.

– Você ficou maluco, Zaion – retrucou Carlo Arnaboldi. – Não se negocia com bandidos. Não podemos confiar neles. Vamos supor que eles topem. O que vamos fazer? Entregar a eles o Dark e deixá-los soltos? Sabe como o velho Giorgio é vingativo. Se fizermos isso, nenhum de nós estará a salvo.

– Eu sei muito bem disso, Carlo. Sossegue esse seu temperamento italiano, homem! – Rebateu Zaion. Eu disse o que vamos dizer aos bandidos, mas não o que iremos, de fato, fazer. Estou amadurecendo umas ideias e quero a opinião de vocês. Podemos discutir isso durante a viagem para o Brasil.

Enquanto os ametistas se preparavam para a nova empreitada, Patrick e Maria começavam a se envolver cada vez mais um com o outro. Mas a bela morena já havia notado que Maú, James e Shakir nunca os deixavam totalmente a sós. Certo dia, quando saíram para dar um passeio na praia do Leblon, ela aproveitou quando os três pararam em um quiosque para comprar sanduíches e questionou Patrick.

– Gosto demais da sua companhia, Patrick. Como já lhe disse, tenho a sensação de que o conheço há muito tempo. Você é tão inteligente e gentil. Só não entendo porque aqueles três nos acompanham para qualquer lugar que vamos. São seus guardacostas? Sei que o Rio de Janeiro tem uma fama horrível, e realmente a violência é muito grande na cidade, mas não a ponto de precisarmos de proteção. Basta estarmos atentos.

– Não é nada disso, Maria. É algo um pouco mais complicado. Mas não quero falar disso agora – desconversou Patrick. –

Fale-me mais de você. Acho admirável a forma como lida com os jovens. Eles parecem confiar tanto em você. E isso é fantástico, porque você representa uma influência positiva para eles. Está sempre tão alegre, determinada e cheia de vida! Parece que nada abala o seu bom humor.

– Eu me esforço todos os dias para pensar e agir dessa forma. Mas nem sempre foi assim, Patrick. Houve um tempo em que eu vivia triste e deprimida, sem ânimo para nada. Eu não sabia o que fazer da vida e passei maus bocados. Foi preciso muito trabalho interior para sair do atoleiro em que me encontrava.

– Você usou uma expressão muito boa: atoleiro. É assim que muitas pessoas se encontram. Elas sentem que estão atoladas, imobilizadas e não conseguem sair da situação que as entristece. Poderíamos dizer que esse atoleiro representa a indolência, a falta da força de vontade própria. É assim que muitas pessoas se encontram. Elas sentem que estão atoladas, imobilizadas e não conseguem sair da situação que as entristece. Poderíamos dizer que esse atoleiro representa a indolência, a falta da força de vontade própria, frequentemente explorada por interesses de outros. Na ausência de propósitos, as pessoas se deixaram arrastar para o marasmo. Restaram dois fatores que ainda exercem forte influência mental: a vaidade e o sexo. Por isso são amplamente utilizados pela propaganda. Fora disso, a vida da maioria das pessoas é vazia e sem sentido. Ganhar muito dinheiro exerce forte atração, mas não é fácil ficar rico. A vida tensa cansa e aqueles que desanimam, se voltam para as drogas, acelerando a sua destruição, sem buscarem cumprir o seu papel de seres humanos que beneficiam a vida.

– Acho que isso acontece por múltiplos fatores – continuou Maria. – Acredito que desde a primeira infância as pessoas deveriam ser melhor orientadas para prestar mais atenção aos seus sentimentos, sensações e à sua vontade. E também para estabelecer objetivos para si próprios e ter determinação para alcançá-los. Os pais deveriam orientar melhor seus filhos nessa direção e não decidirem tudo por eles. Quando os pais se tornam muito protetores, os filhos acabam ficando mais fracos e menos preparados para enfrentar as dificuldades da vida.

– Todas as crianças enfrentam dificuldades, mas para as mais pobres as dificuldades são ainda maiores, principalmente se forem alimentadas de forma insuficiente e inadequada, você não acha? – questionou Patrick. A desesperança pode proliferar, criando desânimo e revolta. As novas gerações recebem uma grande carga de mensagens negativas que as desorienta. Há muita violência, fora e dentro de casa, na maioria das vezes. Com tanto ódio, desencanto, falta de respeito e desarmonia, os jovens ficam sem saber o que fazer e acabam caindo no atoleiro. Por isso o seu trabalho é tão importante, Maria.

– Tem razão, Patrick. Eu vivi algo parecido na minha juventude e sofri muito. Mas recebi o apoio de uma professora que viu meu sofrimento e me ajudou a sair dessa situação. Lembro-me dela me dizendo uma frase de Jean Paul Sartre, o célebre filósofo francês. Isso nunca mais saiu da minha cabeça. Dizia assim: “O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós”. Isso significa que cada um é responsável pela própria vida. Você não pode impedir que alguém te fira. Mas a escolha do que você irá fazer a partir disso é sua. Quando entendi isso, deixei de agir como se

fosse vítima e decidi ser agente da minha própria vida. Havia dois caminhos a escolher: o da alegria e o do sofrimento. Escolhi o da alegria, e a partir de então, tudo mudou. Comecei a ver a vida e as pessoas com outros olhos e decidi que se eu queria um mundo melhor, tinha que começar a trabalhar para tornar isso realidade. Foi aí que passei a fazer trabalhos voluntários e não parei mais. Não há riqueza maior do que fazer o bem e estender uma mão amiga a quem precisa de ajuda para evoluir.

– As pessoas já fazem muito quando não se prejudicam mutuamente. Mas deveriam cultivar bons pensamentos e praticar boas ações. Quando nos preocupamos com o sofrimento alheio, é como se enviássemos um socorro através de nossos bons pensamentos. Claro que, atualmente, também existe uma carga pesada de pensamentos maldosos espalhados pelo mundo, o que contribui para aumentar a discórdia. Por isso é necessário incentivar jovens e adultos a manter limpo o foco dos pensamentos.

– Como assim, Patrick?

– Os pensamentos negativos podem grudar nas pessoas e influenciar suas ações. Eles sobrecarregam o corpo provocando nervosismo, confusão, descontentamento e comportamentos injustos. Descontrolado, o cérebro passa a produzir pensamentos ininterruptamente, como uma máquina que independe da vontade interior. Infelizmente, há um enorme aglomerado de formas negativas que se expandem continuamente pela falta de pensamentos de melhor qualidade.

– Você poderia explicar isso melhor? – questionou Maria.

– Há muitas pessoas que preferem reclamar em vez de aceitar que cada um é responsável pelo seu destino. Todos nós nascemos no ambiente que fizemos por merecer em vidas passadas. E é nesse ambiente que deveremos nos esforçar para resgatar nossa essência espiritual humana, e sair vitoriosamente do atoleiro dos erros sobre a compreensão da vida.

– Também penso assim – concordou Maria. – A insatisfação equivale a duvidar da justiça que paira acima de tudo e, com ela, atraímos dificuldades ainda maiores.

– Isso mesmo. Pessoas insatisfeitas se enredam em formas negativas de pensar, na medida em que reclamam de tudo e, com isso, atraem a mesma espécie de energia, afundando mais e mais. Tudo o que dizemos revela o que se passa em nosso íntimo e molda nosso futuro. Já vi tanto sofrimento e miséria, mas nunca entendi por que as pessoas se agridem em vez de se ajudarem ou, pelo menos, deixem de se prejudicar mutuamente. Se quisermos alcançar a paz jamais deveremos fazer ao próximo aquilo que não faríamos a nós mesmos.

Após uma breve pausa, Patrick continuou:

– É no silêncio que temos a oportunidade de ir ao encontro de nosso eu mais elevado e restabelecer o contato com o que está em nosso íntimo examinando com sinceridade tudo o que fazemos. Ficar reclamando só piora as coisas. Nossa concentração deve se fixar naquilo que queremos: na busca de um melhor futuro, na realização de nossos sonhos. Recebemos este maravilhoso planeta como morada para o desenvolvimento e fortalecimento

espiritual, mas estamos jogando fora o tempo que nos foi dado. É isso que falta para as pessoas melhorarem a vida: aceitar a responsabilidade pelas condições desfavoráveis em que se encontram, pois de alguma forma contribuíram para isso. Mas, ao mesmo tempo, não devem se acomodar num fatalismo antinatural. Precisamos reconhecer a infalibilidade das leis da natureza para sermos auxiliados por elas. Temos que colocar o foco de nossos pensamentos nas soluções dignas e humanas, e não apenas nos problemas. Então veremos como é fácil emergir do atoleiro.

– É mesmo, Patrick. E o que mais devemos fazer?

– Cultivar pensamentos de amor ao próximo. Essa simples ação faz com que as pessoas sintam vontade de auxiliar seus semelhantes, e tudo tende a melhorar. As pessoas precisam combater o egoísmo e libertar-se dos pensamentos supérfluos. Em cada coração deveria predominar o sentimento de gratidão pelo bem maior que todos nós recebemos ao nascer: a vida. Sei que você pensa dessa forma, Maria. O mundo precisa de mais pessoas como você, que consideram o próximo com humanidade, e estou feliz por ter tido a oportunidade de te conhecer.

Depois de dizer essas palavras, Patrick se aproximou de Maria. Queria beijá-la, mas conteve o impulso ao ver Shakir se aproximando.

– Vamos, Patrick. Já está ficando tarde e precisamos voltar para casa e telefonar para o chefe para dizer a quantas anda a sua pesquisa, lembra-se? Despeça-se da sua amiga e venha logo. Estamos esperando você no carro – disse Shakir.

Capítulo 7 – Um audacioso resgate

No cativeiro, no interior da França, Giorgio Dark tentava convencer os mercenários contratados por Zaion para que o deixassem fugir.

– Eu sou um homem muito poderoso e vocês podem ganhar muito dinheiro se me libertarem. Afinal, são mercenários, certo? Aceitam qualquer trabalho por dinheiro. Pago o dobro do que o Zaion está lhes pagando para que me soltem e o dobro desse total para mudarem de lado e armarem uma arapuca para os ametistas. O que acham? – tentou negociar Dark.

– Eu acho que você é um idiota desinformado – retrucou John Smith. – Para início de conversa, não fazemos qualquer coisa por dinheiro, como você disse. Somos prestadores de serviços. Vimos tantos abusos e prepotência e por isso aceitamos trabalhar apenas em causas justas. Não negociamos nem nos aliamos a bandidos. E também não traímos nossos clientes. Portanto, desista de tentar nos seduzir com propostas indecentes. E prepare-se porque daqui a alguns instantes iremos para o aeroporto. Vamos embarcar em um avião particular, pertencente à nossa organização, rumo ao Brasil, para resgatar o Jamal.

Enquanto eles se preparavam para embarcar, um outro grupo de homens, instruídos por John Smith, seguia de perto Anita Backer, sem se fazer notar por ela. Em um requintado restaurante no centro de Paris, ela se encontrou com Olav Duvidier. Um dos mercenários, disfarçado de garçom, foi até a mesa para entregar o

menu e deixou uma cesta de pães, contendo um microfone escondido. Na mesa mais ao fundo, três outros mercenários ouviam a conversa do casal através de fones de ouvido, de forma discreta para não serem notados pelos ocupantes das mesas vizinhas.

– É muito estranho. Giorgio simplesmente sumiu – começou Anita. – Saímos para jantar e quando voltei do toailete havia apenas um bilhete dele informando que havia surgido algo urgente. Depois disso, não consegui mais falar com ele.

– Eu também tentei falar com ele várias vezes, pelo telefone, mas só caía na caixa postal. Você não sabe onde ele mora, ou onde está hospedado? – perguntou Olav.

– Não. Giorgio é muito discreto e cuidadoso. Ele está sendo procurado pela polícia internacional por alguns trabalhos sujos que fez na Inglaterra e em outros países. Por isso não fica muito tempo em um mesmo lugar – explicou Anita.

– Vai ver ele foi cuidar pessoalmente daquele africano e não teve tempo ou não quis nos avisar – conjecturou Olav.

– Não é o estilo dele. Ele nunca faz nada pessoalmente. Ele manda outros fazerem. Espero que não tenha sido preso pela polícia. Mas, se isso tivesse acontecido, os jornais teriam noticiado – raciocinou Anita.

– Vamos esperar mais alguns dias. Quem sabe ele volta a nos contatar antes do que imaginamos. Espero que isso aconteça logo porque ainda preciso dos serviços dele para alguns projetos

que tenho em mente, pois recebi notícias da descoberta de novas minas de diamantes.

Depois de almoçar, os dois se despediram, seguindo um para cada lado. Assim que Anita chegou em casa, dois homens se aproximaram rapidamente e a empurraram para dentro, fechando a porta.

– Não se assuste, nem tente fugir. Sou o detetive Aubert Chevalier, da Interpol – disse o homem mais alto, mostrando a ela seu distintivo. – E este, ao meu lado, é um ex-colega que agora se dedica a salvar pessoas de bem das mãos de bandidos como você e seu velho amigo Giorgio Dark. E nem tente negar que o conhece. Estamos seguindo você há dias e levantamos a sua ficha, que é bem suja, diga-se de passagem. Você andou aplicando golpes em vários países, mas a sua situação se complicou especialmente na China, onde é acusada de homicídio.

– Eu não matei ninguém. Aquilo foi um acidente. Não sei como aquele homem descobriu que eu o estava enganando e que não havia aplicado o dinheiro dele na Bolsa de Valores, como lhe havia prometido. Ele veio para cima de mim, para me agredir, e atirei nele para me defender. Não tive a intenção de matá-lo. Agi em legítima defesa – confessou Anita.

– Bem, a polícia chinesa não pensa assim e se você for deportada para lá, irá cumprir prisão perpétua, ou talvez, será condenada à morte – disse o policial.

– O que você pretende? Me chantagear? – perguntou Anita.

– Claro que não. Nós somos os mocinhos, não os bandidos. Você irá para a cadeia de qualquer jeito. Temos provas suficientes das suas falcatruas para deixá-la mofando em cana por vários anos. Mas se você colaborar e aceitar testemunhar contra Giorgio Dark, podemos reduzir sua pena. Você poderá ir para uma prisão na França e cumprir uma pena de 10 anos, e sair depois de seis anos por bom comportamento. Mas se não quiser nos ajudar a enquadrar o Dark, vamos entregá-la para os chineses. E aí a sua situação pode ficar muito complicada. A escolha é sua. O que vai ser?

– Se eu denunciar o Giorgio, ele vai mandar me matar.

– Não vai não. Ele será preso assim que libertarmos o Jamal. Não terá condições de fazer nada contra você, nem contra qualquer outra pessoa. Pode ter certeza disso – garantiu o policial.

Vendo-se sem saída, buscando ganhar tempo, Anita concordou em colaborar e foi levada, algemada, para uma delegacia de polícia.

No Brasil, Henrique Zaion e seus amigos da Fraternidade Ametista foram recebidos pelo frei Benvindo assim que desembarcaram no aeroporto Galeão, no Rio de Janeiro.

– Espero que tenham feito boa viagem – disse o frei bonachão, sorrindo, abraçando calorosamente a cada um dos companheiros. – Já providenciei as acomodações. Vocês ficarão hospedados em uma fazenda de um amigo da Fraternidade. É um local perfeito porque pode abrigar a todos vocês e também ao

nosso perigoso convidado, que está para chegar a qualquer momento. E como fica a uns 100 km do Rio de Janeiro, é perfeito.

– Que prazer revê-lo, meu caro amigo – disse Zaion. – Você continua sendo um ótimo anfitrião. Vejo que pensou em tudo. E quanto a Jamal, tem alguma notícia? Os homens que estão com ele desconfiam de algo?

– Nossos companheiros da Fraternidade estão vigiando os passos deles e, por enquanto, está tudo tranquilo. Jamal não está sendo mantido preso. Ele passa muito tempo na ONG e também visita outras comunidades carentes, sempre acompanhado por Maria, que é uma ótima pessoa e que coordena os projetos da entidade. Os capangas do Dark não desgrudam dele, mas aparentemente ele não está sendo maltratado.

– Ainda bem. Vamos para a fazenda. John Smith já falou com você, não é? – perguntou Zaion.

– Claro que sim. Ele e seus homens estão, como direi, escoltando Dark. Eles estão vindo em um avião particular que aterrissará em um campo perto da fazenda. Passei todas as coordenadas para ele, conforme sua orientação. E uma *van* já está a postos para esperá-los.

Enquanto os ametistas seguiam para a fazenda, James tentava falar com Giorgio Dark pelo telefone. Patrick percebeu que ele estava ficando cada vez mais irritado e não parava de andar de um lado para o outro.

– O que foi, homem? Você não para quieto – disse Patrick, afinal.

– Não é da sua conta. Vá para o seu quarto e fique lá. Preciso ter uma conversa com os rapazes. E nem pense em ficar ouvindo atrás da porta. O que tenho a tratar com eles não tem nada a ver com você – respondeu James.

Depois que Patrick saiu, James foi até a cozinha onde Shakir e Maú estavam tomando café.

– Já liguei várias vezes para o chefe, mas só cai na secretária eletrônica. Se nas próximas 24 horas não tivermos notícias dele, teremos que apagar o arquivo como de praxe. Maú, procure um lugar onde possamos fazer o serviço sem despertar suspeitas. E você, Shakir, providencie nossas passagens, caso tenhamos que sair às pressas do país – sentenciou James.

Em seu quarto, Patrick pressentia que algo ruim estava para acontecer. Temeroso, olhou atentamente para a foto que carregava sempre em seu bolso, pensando se ainda veria sua filha novamente. Após enxugar as lágrimas que escorriam pelo rosto, deitou-se na cama, esperando inutilmente o sono chegar. Quando o dia amanheceu, ele foi à copa para tomar seu café da manhã e notou que Shakir e James pararam de falar assim que ele entrou.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Patrick.

– Não, não aconteceu nada. Tome logo seu café e apronte-

se porque assim que Maú chegar, vamos dar um passeio – disse James, fazendo cara de poucos amigos.

O anúncio deixou Patrick assustado. Ele mal conseguia engolir o café. Em seu íntimo sabia que possivelmente aquelas seriam as suas últimas horas de vida. Em sua mente, recordava os momentos felizes do passado, como o dia em que conheceu sua esposa, o nascimento da sua filha, a solenidade em que foi nomeado ministro do Meio Ambiente de seu país, os olhares de esperança que via quando discursava para a multidão, o rosto expressivo de Maria quando a viu pela primeira vez. Sentimentos de amor e saudade logo se transformaram em pesadelo, assim que a porta da cozinha se abriu e Maú entrou, para anunciar que já havia providenciado tudo e que eles se preparassem para sair.

– Acabou, não é? Vocês vão me matar – disse Patrick, com a voz embargada.

– Sua hora ainda não chegou. Fica sossegado. A gente só vai dar uma volta em outra favela. Maú quer te apresentar alguns amigos dele. Você se amarra em gente pobre, não é? Pois então, vamos conhecer mais uma comunidade carente para a sua coleção – respondeu Shakir, em tom irônico.

Eles estavam se dirigindo à porta de saída, quando o celular de James tocou. Antes de atender, identificou no visor o número do telefone de Dark.

– Voltem para a sala e aguardem um instante. Estou recebendo uma chamada do chefe – ordenou James. – Alô chefe, até

que enfim você ligou. Estou tentando falar com você há um tempão, mas só caía na caixa postal.

– Olá, James. O telefone é do seu chefe, Giorgio Dark, mas quem está falando é Henrique Zaion – disse a voz do outro lado do aparelho. – Ele está ao meu lado, mas para que possamos nos entender melhor, ligue seu computador e prepare-se para uma videoconferência. Vamos mostrar o seu chefe e queremos ver o Jamal. Dentro de dez minutos voltamos a nos falar – e desligou.

James obedeceu, preparou o computador e, no momento combinado, Zaion apareceu na tela.

– Olá de novo, James – disse Master. – Como você pode ver, seu chefe está bem ao meu lado – e virou a web câmera, para que ele pudesse ver Dark sentado em uma cadeira, amarrado e amordaçado. Em seu colo havia um exemplar do jornal O Globo, com a data daquele dia. – Sim, James, estamos no Rio de Janeiro e queremos fazer uma troca. O seu chefe, pelo Jamal. Agora seja um bom menino e nos deixe ver o Jamal.

– Primeiro eu quero falar com o Dark. Tire a mordaca dele. Quero que ele mesmo me diga que está bem – respondeu James.

– Você não está em posição de fazer exigências. Não vou tirar a mordaca do seu chefe porque não vou deixar que ele lhe dê nenhuma ordem. Eu estou no comando. Sou eu quem dou as ordens. Agora deixe-me ver o Jamal. Só vou continuar negociando com você quando tiver certeza de que ele ainda está vivo e bem.

Vendo-se sem alternativa, James ordenou a Shakir que trouxesse Jamal, que agora não mais precisava ser chamado de Patrick, já que sua identidade fora revelada, para amarrá-lo em uma cadeira e que também fosse amordaçado. Em seguida, virou a web câmera para ele, para que Zaion o pudesse ver. Logo em seguida, continuou a conversa.

– Como você viu, Jamal está vivo, com saúde e nas mesmas condições do meu chefe. Se nós não podemos falar com Dark, vocês também não podem falar com o Jamal. Agora diga o que você quer – disse James.

– Eu quero fazer uma troca. Vocês nos entregam o Jamal e nós soltamos o Dark. É simples assim. Vou lhes passar um endereço de uma chácara isolada e um mapa indicando como chegar até lá. Estejam no local às duas horas da tarde. Venham desarmados e não tentem nenhum truque. Só queremos o Jamal. Assim que fizermos a troca, deixaremos vocês irem – ordenou Zaion, e desligou.

– Você pretende seguir as ordens daquele desgraçado? Acha mesmo que ele vai nos deixar em paz depois que entregarmos o Jamal? – perguntou Shakir, visivelmente nervoso.

– Vamos fazê-lo acreditar que sim. Mas, na verdade, não estaremos sozinhos. Maú, chame seus amigos traficantes e passe a eles o endereço em que será feita a troca. Diga para que fiquem escondidos e assim que Zaion libertar o Dark, mandamos bala em todo mundo – respondeu James.

Horas depois, eles se dirigiram ao local, no horário combinado. Era uma chácara abandonada e o mato havia tomado conta de praticamente tudo. Após percorrem uma estrada de terra, eles avistaram uma casa e a alguns metros havia também um galpão. A *van* parou na frente da casa, e seus ocupantes puderam ouvir a voz de Zaion, por meio de um alto falante:

– Muito bem, parem o carro e desçam todos. Quero que se afastem da *van* – disse Zaion.

Os homens obedeceram. Primeiro desceram Maú, que estava dirigindo, e Shakir, que estava a seu lado. Em seguida, saíram James e Jamal, que estavam no banco de trás. Jamal estava com as mãos amarradas atrás das costas e amordaçado. James o segurava bem perto de si, apontando-lhe uma arma que estava no bolso de sua jaqueta.

– Já estamos aqui fora. Agora queremos ver o Dark – disse James.

Pouco depois, Zaion saiu do galpão, acompanhado de Dark que, assim como Jamal, tinha as mãos amarradas atrás das costas e continuava amordaçado. Ao lado deles estavam Jean Baptiste e Carlo Arnaboldi.

– Solte o Dark. Assim que ele estiver livre, soltaremos o Jamal – tentou negociar James.

– Nada disso. Vamos fazer o seguinte: assim que eu contar até três você deixará Jamal vir andando sozinho até nós e eu dei-

xarei que Dark caminhe até você. Vamos soltar os dois ao mesmo tempo. Combinado? – respondeu Zaion.

– Está bem – concordou James.

Depois que Master contou até três, Dark e Jamal começaram a caminhar e quando passaram um pelo outro, Dark correu em direção a James e este rapidamente deu o sinal para que os bandidos contratados por Maú, saíssem de trás das árvores e comessem a disparar, tentando atingir Jamal que, assustado, atirou-se no chão. Imediatamente, John Smith e seus homens, que estavam escondidos no galpão e dentro da casa, vieram em socorro aos ametistas e começaram a atirar nos bandidos, tentando cercá-los. No meio do tiroteio, Zaion e Arnaboldi correram até Jamal para ajudá-lo a se levantar e o levaram até o galpão para protegê-lo.

No conflito, Maú foi baleado várias vezes, caindo desfalecido no chão. Shakir, mesmo tendo levado um tiro no ombro, conseguiu entrar na *van*, ligar o motor e ir na direção de James e Dark. Assim que os dois entraram no carro, saíram a toda velocidade. O carro estava quase saindo da estrada de terra para entrar na rodovia, quando avistaram carros da polícia vindo em sua direção. Sem se deixar intimidar, Shakir manteve a *van* a toda velocidade e entrou em outra estrada de terra, tentando escapar. A perseguição durou mais alguns minutos, até que a polícia finalmente conseguiu cercá-los, ordenando que parassem o carro. Shakir acelerou fundo, mas descontrolado o veículo foi violentamente de encontro a uma grande pedra.

Capítulo 8 – O reencontro com os amigos

Samira e Malik foram os primeiros a abraçar Jamal assim que ele chegou à fazenda em que os ametistas estavam hospedados, escoltado por Zaion, Arnaboldi e Jean Baptiste. Magro e abatido, ele mal conseguia acreditar que aquele pesadelo havia chegado ao fim. Brenda, Bárbara, Viveca, Humberto, frei Benvindo e os demais amigos da Fraternidade haviam preparado uma pequena festa de boas-vindas para recebê-lo, com uma mesa farta de iguarias tipicamente brasileiras e flores por todo lado para alegrar o ambiente. Estavam todos curiosos para saber o que de fato havia acontecido e por que ele tinha viajado para o Brasil.

– Sabem, há situações em que somos derrotados sem que haja guerra. Foi o que aconteceu comigo. Fui subjugado pela astúcia e frieza de Dark, sem poder lutar – começou a explicar Jamal.

– O que ele fez exatamente? Ele te ameaçou ou fez alguma chantagem? – questionou Malik.

– Ele fez várias ameaças. Segundo Dark, minhas ações e ideias estavam incomodando a um grupo de empresários que planejavam investir na África, e se eu não me calasse ou não parasse de chamar a atenção das autoridades do meu país e até do mundo todo sobre as várias questões ligadas às alterações climáticas, esse grupo poderia colocar em risco a vida de milhares de pessoas e, especialmente, daquelas que vivem da agricultura em Berbéria. Ele disse que tinham meios de secar alguns rios, ou mesmo envenenar a água dos rios com produtos químicos, o que

causaria, conseqüentemente, o fim da agricultura de subsistência e provocaria um grande fluxo migratório do campo para as cidades, aumentando o desemprego das populações que vivem nos grandes centros. Dark disse ainda que poderia contratar um exército mercenário para invadir Berbéria e começar uma guerra ou promover uma destruição em massa. Algo do tipo já havia ocorrido em outro país africano, rico em diamantes, vizinho a Berbéria e ele me mostrou provas irrefutáveis de que teve participação naquele episódio e que faria o mesmo em nosso país, caso eu não atendesse às suas exigências.

Após uma breve pausa, Jamal continuou:

– Não tive tempo para nada a não ser sujeitar-me às imposições e tentar ganhar tempo para encontrar uma forma de reagir. Felizmente, aprendi a ser paciente e a confiar nas leis que regem a vida. Houve momentos que temi não mais encontrar minha amada filha Samira, meu leal irmão Malik e meus queridos amigos da Fraternidade Ametista. Mas consegui recuperar a esperança confiando na ajuda do Alto. Eu sabia que, com meu desaparecimento misterioso, vocês começariam a investigar e viriam me socorrer.

– Realmente, ficamos todos muito preocupados com o seu sumiço, ainda mais às vésperas da COP – comentou Viveca. – Estávamos contando com seus estudos e com a sua capacidade de argumentação para apresentarmos um material que pudesse causar maior impacto e atrair a atenção dos líderes mundiais.

– Acho que essa foi uma das razões que levou Dark a tentar impedir minha apresentação de todas as maneiras – conti-

nuou Jamal. – Primeiro ele tentou me subornar, oferecendo-me muito dinheiro. Seria uma proposta tentadora para qualquer pessoa que não tivesse sólidos princípios éticos. Como isso não deu certo, ele começou a fazer ameaças. Quando Dark percebeu que nada me faria ceder, ele me mostrou fotos de Samira, deixando claro que sabia onde ela estava estudando, quais eram seus hábitos, seus amigos e que algum acidente horrível poderia lhe acontecer se eu não colaborasse. Não tive outra saída, a não ser ceder.

– Pai, porque você não me avisou? Eu teria saído da França e me escondido em algum lugar até a COP terminar. Você passou tudo isso por minha causa? Não é justo – disse Samira, com a voz trêmula.

– Pare com isso, Samira. Não se culpe. Dark é um homem muito perigoso e eu não podia arriscar a sua vida nem a da população de Berbéria. Na verdade, foi um conjunto de fatores que me levou a ceder às vontades daquele maldito. Mas, ao mesmo tempo, intimamente eu tinha confiança de que, de algum modo, conseguiria reverter essa situação.

– Não entendi por que ele quis impedir sua ida à COP. Ele sabia o que você iria apresentar na conferência? – perguntou Bárbara.

– Aparentemente, sim. Eu perguntei a ele por que tanto empenho para me tirar da jogada, e ele disse que seus amigos não poderiam correr o risco de ficar desacreditados perante a opinião pública. Poderia haver uma comoção mundial em relação à grandeza dos problemas que se avizinham e também ficaria visível a

incapacidade dos líderes para reverter a situação, encontrando soluções em um curto prazo. Eles também não queriam, de forma alguma, que fosse mencionado na conferência um outro estudo que fiz referente à aproximação de um corpo celeste ao nosso sistema planetário e que também estaria causando as alterações climáticas.

– Que estudo é esse? Você não nos disse nada a esse respeito – reclamou Carlo Arnaboldi.

– Eu ia falar com vocês sobre isso naquela reunião que teríamos em Lisboa, antes da COP acontecer. Falei com vários astrônomos e até com videntes africanos e as informações que levantei são muito interessantes. Ao que tudo indica trata-se de um conhecimento muito antigo que ficou adormecido e agora está despertando. Mas, francamente, não estou com cabeça para falar sobre isso neste momento. Depois, com calma, voltaremos a conversar a respeito, certo?

– Claro, Jamal. Vamos ter tempo de sobra para isso – concordou Zaion. – Mas como você veio parar no Brasil?

– Dark foi curto e grosso. Deixou claro que seus clientes não queriam que ele me matasse, para que não houvesse o risco disso se voltar contra eles. Como sou um ativista muito conhecido, não só em Berbéria, como em vários países, minha morte poderia me transformar em um mártir e daí sim a imprensa iria pesquisar minha vida, os trabalhos que realizei ao longo dos anos e, entre outras coisas, poderiam vir à tona as informações que os clientes do Dark preferiam manter ocultas. Ele disse que eu ape-

nas deveria sair de cena por algum tempo, até a conferência mundial terminar e me deixou escolher o país para onde eu gostaria de viajar. Escolhi o Brasil porque, em muitos sentidos, há algumas semelhanças com algumas regiões da África. Estão sendo feitos trabalhos muito interessantes com as comunidades carentes e eu queria ver isso de perto. Ele concordou, pois tinha gente sua trabalhando no país e que poderia ficar de olho em mim. Assim, tive que pedir uma licença do cargo, alegando motivos pessoais. Então recebi uma identidade falsa e os comparsas de Dark colaram em mim, impedindo que eu me comunicasse com quem quer que fosse, e viajamos para o Brasil, onde conheci muita gente boa.

– Pessoas como Dark são muito nocivas e com seu egoísmo e sede de poder não vacilam em provocar grandes estragos. Eles se antepõem, querendo manter o domínio de todas as riquezas, mesmo que para isso tenham que manter a humanidade afastada de seu real propósito, usando mentiras e violência para semear o medo. Soubemos que na África ele atua com contrabando de armas, diamantes e marfim, pouco se importando com o sofrimento alheio, como um desumano e impiedoso predador – comentou Brenda.

– É verdade, Brenda – concordou Jamal. E, abraçando Samira, continuou: – Quando as forças pareciam me faltar, fragilizado, quase me deixei envolver por uma multidão de pensamentos negativos. O que me deu forças foi a confiança de que uma justiça superior iria nos reunir novamente – e tirou do bolso a foto de Samira. – Minha filha, você ficou comigo o tempo todo e bem pertinho do meu coração. O amor que sinto por você e a

vontade de te rever e te abraçar foi o que alimentou a minha esperança de que essa situação seria revertida. E foi o que aconteceu – disse Jamal, recebendo um abraço apertado da filha.

– Mas, e quanto a Dark? O que vai acontecer com ele? – perguntou Malik.

– Ele foi preso pela polícia brasileira, Shakir bateu a cabeça e morreu no local do acidente, James ficou preso nas ferragens e teve ambas as pernas amputadas. Foi de grande valia o reforço da Interpol e de John Smith e sua equipe – respondeu Zaion. – Dentro de alguns dias Dark será deportado para a França, onde será julgado e, provavelmente, condenado. Uma de suas aliadas se dispôs a depor contra ele. Com isso, e mais o depoimento do Jamal, sobre as ameaças sofridas, contando que fora mantido em cárcere privado, Dark poderá ficar na cadeia durante anos.

– Então, papai, podemos voltar para Berbéria imediatamente, certo? Vou trancar minha matrícula na faculdade e passar um tempo com você, se não se importa – disse Samira.

– Minha querida, nada me deixaria mais feliz – respondeu Jamal. – Mas, na verdade, eu gostaria de ficar mais algum tempo no Brasil. Conheci uma pessoa maravilhosa e acho que ela poderia me ajudar a completar alguns estudos sobre as alterações climáticas e sobre aquele corpo celeste que mencionei. Sei que há cientistas sérios e competentes no Brasil, e já que estou aqui queria aproveitar para conhecê-los pessoalmente e trocar algumas ideias.

– E essa pessoa maravilhosa, por acaso, é uma mulher? – perguntou Samira, com ar maroto.

– É, sim. Mas não é nada disso que você está pensando. O nome dela é Maria e ela coordena os projetos da ONG Jovens da Nova Era. Está fazendo um trabalho magnífico com as comunidades carentes e, principalmente, com os jovens. Algo que eu gostaria de levar para Berbéria – disse Jamal.

– Levar quem: os projetos ou a Maria? – brincou Malik.

– Você também, meu irmão! Como vocês são maliciosos – respondeu Jamal, sem graça.

– Nossa! Nunca tinha visto um negro corar – comentou Bárbara, arrancando risadas do grupo e deixando Jamal ainda mais constrangido. – Agora fiquei ainda mais curiosa para conhecê-la. Aposto que é linda.

– É sim – disse Jamal, recuperando a naturalidade. – Ela é uma pessoa linda, de corpo e de alma. Faço questão que todos vocês a conheçam. E tenho certeza que ela também vai adorar conhecer os meus queridos amigos.

Capítulo 9 – Um novo começo

“Aprendeí, primeiramente, a conhecer profundamente a natureza, da qual vos afastastes já há muito, então será possível que vos torneis novamente criaturas humanas, que vivem na Vontade criadora de Deus, colbendo, assim, saúde através da natureza, para atividade alegre e construtiva na Terra, o que tão-somente pode ajudar beneficiadoramente o espírito em sua necessária maturidade”.

Abdruschin, Na Luz da Verdade, Vol. 3, Natureza

No dia seguinte, Jamal marcou um encontro com Maria, na ONG, para lhe revelar toda a verdade. Precisava lhe dizer que seu nome não era Patrick, revelar sua verdadeira identidade e contar tudo o que tinha acontecido e os reais motivos que o trouxeram ao Brasil. Num primeiro momento ela ficou assustada com aquele relato, que mais parecia a trama de um filme policial. Mas logo depois, sua admiração por ele só aumentou.

– Eu não o conheço direito, Jamal, mas como já lhe disse, desde a primeira vez que te vi senti por você uma empatia muito grande. Agora, sabendo tudo o que lhe aconteceu, meu carinho aumentou ainda mais. Você não é apenas um homem inteligente e sensível, mas também íntegro e corajoso. E o mais importante de tudo foi a sua inabalável confiança num desfecho feliz. Acredito que foi isso que te deu força para enfrentar todo aquele pesadelo e ter a certeza de que tudo acabaria bem – disse Maria, tentando disfarçar a emoção.

– O amor é o mais nobre dos sentimentos e, como o Sol, ilumina a nossa alma e nos guia para o caminho do bem. Foi o

amor pela minha filha, pelo meu irmão e pelos meus amigos, entre os quais você está incluída, e também o meu amor pela vida que me deu forças para não desistir nem me deixar abater. Mas agora que tudo já terminou, vamos parar de falar nesse assunto e focar a atenção só em coisas boas. Vou ficar mais algumas semanas no Brasil porque gostaria de fazer algumas pesquisas e conhecer trabalhos que estão sendo feitos na área ambiental. E, claro, vou precisar da sua ajuda.

– Você pode contar comigo para o que precisar – respondeu a bela morena.

– Que bom. Tinha certeza disso – disse Jamal, abrindo um sorriso. – Agora pegue sua bolsa e venha comigo até a fazenda onde meus amigos estão hospedados. Eles estão nos esperando para almoçar e ansiosos para te conhecer. Sei que você vai gostar deles, tanto quanto eles de você.

No gramado, em frente à casa da fazenda, enquanto frei Benvindo, auxiliado por Humberto e Viveca, preparava a churrasqueira e temperava as carnes para serem grelhadas, Brenda e Bárbara estavam na cozinha, se empenhando em cortar os legumes e hortaliças para uma colorida e nutritiva salada. Perto do fogão, Samira acompanhava atentamente o preparo da feijoada pela dona Joana, a simpática e elétrica caseira, que ao ver o interesse da moça, começou a explicar, passo a passo, a receita que havia herdado de sua bisavó que tinha sido escrava no tempo do Brasil Imperial. Do lado de fora, Jean Baptiste e Carlo Arnaboldi usavam a força física para levar as mesas para o gramado e juntá-las em uma só, enquanto Malik os orientava para posicioná-la sob as frondosas árvores e perto da churrasqueira.

Assim que ouviu o som do carro se aproximando, Samira correu para fora da casa, curiosa para conhecer a mulher que havia capturado o coração de seu amado pai. Ela foi a primeira a dar as boas-vindas a Maria, que em pouco tempo se viu cercada pelos demais amigos da Fraternidade Ametista.

– Nossa, você é linda mesmo! O Jamal não exagerou nem um pouquinho – disparou Brenda, com seu famoso jeitão despojado e franco, abraçando a moça como se fossem velhas amigas.

– Sai daí, Brenda. Eu também quero cumprimentar a Maria – disse Bárbara, empurrando a irmã para um canto, para também dar um abraço na moça. – Seja bem-vinda, querida. É um prazer tê-la entre nós. Mas me diga uma coisa: você não é casada nem tem namorado, né?

– Bárbara, isso é pergunta que se faça? – protestou Jamal, meio constrangido.

– Estão me envergonhando. O que a Maria vai pensar?

– Que você tem amigos muito simpáticos! Também estou muito feliz em conhecê-los – respondeu Maria, entrando no clima da descontração. E arrematou: – Não, Bárbara, não sou casada. Quase cheguei a me casar, mas durante o noivado descobri que havia incompatibilidades difíceis de serem superadas e acabei desistindo. E, no momento, estou sem ninguém.

– Acho que não vai ficar assim muito tempo, querida –

disse Viveca, dando uma piscadinha para ela e sinalizando com a cabeça para Jamal.

– Parem com isso. Vão acabar deixando a minha futura cunhada sem graça – disse Malik, ao se aproximar da moça para também cumprimentá-la com um abraço.

– Até você, meu irmão – disse Jamal. E voltando-se para Maria: – Por favor, não leve a mal essas brincadeiras. Esses meus amigos gostam de fazer palhaçadas e estão sempre pegando no meu pé.

– Não se preocupe. Estou contente com essa calorosa recepção e achando tudo isso muito divertido. Já me sinto parte da turma – rebateu Maria, sendo aplaudida pelo grupo, em sinal de aprovação.

– Opa, vejo que a festa já começou. Espero não ter perdido nada – disse Zaion ao se aproximar, carregando uma bandeja de doces. E voltando-se para Maria: – Muito prazer. Sou Henrique Zaion, mas alguns preferem me chamar de Master. Fui buscar as cocadas e os pé-de-moleque que uma doceira da região preparou especialmente para nós. Espero que goste do nosso banquete. É uma forma de agradecermos a você por ter ajudado o Jamal a aliviar um pouco a tensão no período em que esteve em poder de Dark e seu bando.

O clima de descontração continuou durante todo o almoço. Mas, aos poucos, o grupo começou a falar sobre os assuntos que mais os afligiam: o aquecimento global e o fracasso da COP em

obter dos líderes mundiais uma diretriz para a união dos esforços em defesa do planeta e para a redução da emissão dos gases causadores do efeito estufa. Eles examinaram com preocupação as consequências negativas da ação do homem cujos sinais já são visíveis, como o derretimento acelerado das geleiras do Ártico e a destruição das camadas de gelo na Antártica, que poderão se tornar um desencadeador de mudanças climáticas mais drásticas. As populações da China e de vários países da Ásia já sofrem com a alta concentração de CO₂ e poluentes no solo e na atmosfera. Na África, várias regiões são atingidas pelas fortes secas, e no Brasil não se descarta a possibilidade de inundação de cidades e de secas na Amazônia e da consequente destruição da biodiversidade, com a extinção de muitas espécies animais e vegetais.

– Em um comunicado divulgado recentemente, por ocasião do Dia Mundial da Água, o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, destacou a importância da adoção de medidas para reverter uma situação que já afeta uma em cada três pessoas no mundo. Ele lembrou que a cada ano morrem 1,5 milhão de crianças em razão da falta de saneamento básico e da falta de um maior controle sobre a água – comentou Carlo Arnaboldi.

– Essa é uma questão que me preocupa muito – acrescentou Jamal. – O consumo mundial de água está aumentando, mesmo em países onde a população cresce pouco. O problema é que as reservas de água potável estão cada vez mais ameaçadas pelas atividades humanas. Isso é o que afirmam dez entre dez especialistas. Hoje, mais de 1 bilhão de pessoas não têm acesso a fontes confiáveis de água no mundo. Em 2025, boa parte do planeta estará em situação de estresse hídrico, ou seja: a água disponível não será suficiente para os diferentes usos que o homem faz dela, como a agricultura, que é, de longe, a atividade que mais consome água. Até lá, três bilhões de pessoas sofrerão com escassez,

segundo a ONU. As pessoas se esquecem de que a água é vida, e constitui 70% do nosso corpo.

Zaion aproveitou para dar a sua opinião:

– O que possibilita a vida no planeta é o conjunto de elementos, tais como o solo, a água, a fantástica mistura de gases que formam a atmosfera, e tudo isso sob a ação da generosa luz solar que nos aquece. E todo esse conjunto deveria nos despertar um senso de humildade e gratidão. Porém, ocorre o contrário, pois nos julgamos donos do planeta, agimos com arrogância e prepotência e não nos preocupamos em compreender os mecanismos naturais para preservar a vida em todas as suas manifestações. As escolhas humanas determinam o destino. As alterações climáticas restringem os recursos naturais, e, em seu egoísmo, os humanos poderão se lançar em novas guerras de conquistas pela posse da água, provocando uma destruição ainda maior.

– Você tem toda a razão – concordou Jamal. – Grande parte das pessoas ainda não se deu conta sobre a própria responsabilidade no que diz respeito ao meio ambiente. Aqui, no Rio de Janeiro, pude observar a forma perigosa como as favelas avançaram pelas encostas dos morros. Muitos barracos são montados em áreas de risco e podem desabar a qualquer momento. Sempre que há uma chuva mais forte ou de longa duração, tragédias acontecem e várias famílias acabam perdendo tudo o que têm, e muitos perdem a própria vida. É o aquecimento dos oceanos que está provocando um continuado aumento de nuvens que são atraídas para os continentes, provocando chuvas intensas. Com o excesso de água, o solo perde a consistência e os paredões de rocha perdem a aderência. Com o peso aumentado, o solo desliza, arrastando o que estiver em cima.

– É verdade. Já estamos sentindo os efeitos das alterações climáticas e das consequentes catástrofes, assim como o resto do mundo – completou Maria. – E são sempre as pessoas e regiões mais despreparadas que acabam sendo atingidas primeiro. No caso das favelas, elas são criadas porque as condições de vida se agravaram e muita gente não consegue visualizar outra opção de moradia, a não ser essa. Na ONG, percebemos a necessidade de mostrar às pessoas que elas fazem parte da espécie humana cuja vida deveria estar em nível mais elevado. Estamos realizando vários trabalhos para capacitá-las melhor, de forma que consigam empregos bem remunerados, ou mesmo que montem seus próprios negócios, para que possam se mudar dali para moradias mais estruturadas, enfim, adquirindo o melhor preparo que a vida requer. E aproveitamos para também conscientizar as pessoas a não jogar lixo nas ruas ou nas margens dos rios, a encaminhar para a reciclagem vários materiais, além de instruí-los dando orientações sobre higiene, saúde e tantos outros temas.

– E como poderemos auxiliar as pessoas atingidas pelas catástrofes? – quis saber a jovem Samira.

– Permitam-me responder – disse Master, e prosseguiu: – Somos todos responsáveis e temos de encontrar os meios para melhorar as condições gerais. Há apenas uma Terra e dela devemos cuidar. Só aqui existem os necessários requisitos para a vida humana, não adianta ficar imaginando que com muito dinheiro poderíamos fugir para outro planeta. Por isso, cuidar da Terra deve ser a nossa prioridade, mesmo que tenhamos que modificar muitos usos e costumes inadequados para esta época de restrições criadas pela desconsideração às leis da natureza que sustentam a vida. A miséria humana é uma consequência de erros do passado. Hoje, todos os seres huma-

nos deveriam estar fortalecidos e aptos a cuidar da própria vida, mas lamentavelmente isso não aconteceu. Alguma falha muito grave deve ter provocado esse atraso. Agora as nações se mobilizam para prestar ajuda humanitária. No entanto, além de obter a melhoria das condições materiais, as novas gerações precisam querer ardentemente alcançar a melhora geral, como seres humanos de valor que buscam a evolução integral, e não apenas ao atendimento das necessidades básicas ou ditadas pelo consumismo, para que resgatem o eu interior e a sua individualidade. O sofrimento é um chamado de alerta para a humanidade despreocupada com o significado da vida e acomodada na satisfação das necessidades mais elementares. Agora, no tocante aos meios para prestar auxílio, além dos recursos materiais, precisamos emitir pensamentos de amor desinteressado. Quando sentimos a dor e a aflição alheia e nos condoemos, é como se mandássemos uma ajuda luminosa que alcança as pessoas abertas para isso, atraindo o auxílio necessário.

– Muito bem colocado – disse Jamal. – A capacidade de melhorar sempre está ao nosso alcance. A Maria e os voluntários da ONG estão fazendo um belo trabalho. Fiquei realmente muito impressionado com o que vi. Outro projeto que me chamou a atenção foi o que aborda a gravidez na adolescência. Na África também temos esse problema. O que percebemos é que durante séculos a humanidade se envolveu com o tabu do sexo devido ao modo antinatural como isso foi tratado. As comunidades antigas encaravam o sexo como parte da natureza e não havia mistério sobre isso. Elas observavam os animais que procriavam naturalmente e defendiam suas crias até que se tornassem maduras o bastante para se desgarrar dos geradores. Já houve casos em que, pela escassez de recursos, alguns animais se negaram a procriar, exercendo eles mesmos um instintivo controle da natalidade.

– A natureza tem muito a nos ensinar. Pena que perdemos esse contato ao nos concentrarmos nos centros urbanos – destacou Maria. – O sexo é um componente que faz parte da vida e a união entre o homem e a mulher não visa apenas a procriação, há nisso muito mais. No entanto, deixou de ser encarado com naturalidade, principalmente por causa de crenças religiosas que o associaram ao pecado. Mas com o advento da pílula anticoncepcional, os movimentos de liberação feminina e a modernidade, tudo mudou e agora caímos no outro extremo. A nova geração não aceita mais imposições e passa a viver uma sexualidade desregrada e inconsequente.

– É lamentável termos saído de um extremo para cair neste outro, o do instinto sexual doentio – salientou Jamal. – Isso está relacionado com a educação falha e os modelos que são dados aos jovens, em que o sexo é apresentado como objeto de consumo descartável. Toda a naturalidade foi perdida, não se respeitam as afinidades. Tudo se orienta unicamente pela estimulação artificial da sensibilidade e dos instintos do corpo de mil formas. Então, as pessoas não conversam mais nem discutem as questões que as afligem, não há mais um relacionamento afetivo e responsável. Só interessa o prazer momentâneo como algo a ser consumido vorazmente. Depois, é cada um para o seu lado e nada mais proveitoso resulta disso.

– Um bilhão de jovens não está recebendo educação fundamental, como esperar que possam desenvolver o melhor de si? Na ONG, estamos trabalhando com os jovens para que eles tenham mais informação sobre o próprio corpo, a sexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez e tantas outras questões para que se tornem indivíduos mais conscientes e res-

ponsáveis, sabendo respeitar a si próprios e aos outros. É um trabalho de formiguinha, que leva tempo, mas que deve ser feito – disse Maria.

– Eu gostaria de conhecer esse trabalho – comentou Samira.
– Pelo que você está dizendo, esse projeto parece muito interessante e poderia ser aplicado também em Berbéria. Já disse ao meu pai que pretendo me dedicar a alguns trabalhos sociais em meu país. Trabalhar com jovens é algo que me empolga bastante, principalmente quando os fazemos compreender que é sempre possível melhorar, desde que saibamos estabelecer propósitos e agir nesse sentido. Eu posso ver como isso está sendo feito na prática?

– Mas é claro, Samira. Vai ser muito bom te apresentar para o grupo e mostrar os avanços que já conseguimos. Se quiser, pode ser amanhã mesmo – respondeu Maria.

– Fico feliz em ver esse seu entusiasmo, minha filha – disse Jamal. – Eu também pretendo ir à ONG amanhã, mas para tratar de outro assunto. Quero conversar com o Miguel Antunes, um colaborador que está fazendo pesquisas sobre a aproximação de um cometa e que também seria uma das causas das mudanças climáticas que já estamos sentindo. Tenho uma série de estudos sobre isso e gostaria de complementá-los.

– Esse assunto também me interessa – disse Zaion, entrando na conversa. – Posso ir junto com você?

– Nem precisa perguntar, não é Master? Claro que sim. Vamos nos reunir logo pela manhã. Combinado? – concluiu Jamal.

Capítulo 10 – Cometas e a profecia sobre 2012

Na manhã seguinte, durante o trajeto até a ONG, Master contou a Jamal que também já tinha ouvido falar sobre um cometa especial que estaria se aproximando da Terra. Ao pesquisar sobre o assunto, descobriu que, segundo a escritora Roselis von Sass, as primeiras notícias sobre esse tema datam da época dos sábios da Caldeia, pertencentes ao povo que habitou uma região entre os rios Tigre e Eufrates, na baixa Mesopotâmia. Eles receberam a informação de que a aproximação de um cometa de grandes proporções, com forte poder de atração, transformaria o Sol em um mar de chamas, o que poderia trazer algumas consequências para o nosso planeta, como alterações do clima, aumento do nível dos oceanos, derretimento de geleiras, entre outros acontecimentos.

– É um tema muito interessante e bastante polêmico – disse Jamal. – O problema é que quase todos os livros que abordam o assunto possuem um cunho marcadamente místico, o que leva a questionamentos sobre a legitimidade das informações. Mas, em contrapartida, há também pesquisadores e cientistas sérios que estão fazendo estudos com isenção e objetividade.

– Tem razão – concordou Master. – Há muita especulação e uma tendência de marcar datas para o fim do mundo. A mais recente é a profecia sobre 2012, por causa de interpretações sobre o calendário Maia, o povo pré-colombiano que ocupou a região do México no período de 700 a 500 a.C. Esse povo utilizava vários calendários e um deles – o calendário de conta longa – se estruturava em unidades de tempo cada vez maiores. O mês de-

les contava 20 dias e não 30, como o nosso, e era chamado de *uinal*. Assim, 18 *uinals* formavam 1 *tun*, ou seja, um ano, e 20 *tuns* faziam um *katun* e assim sucessivamente. Mas o curioso é que enquanto o nosso sistema de contagem de séculos não leva a um fim, o calendário de conta longa Maia dura cerca de 5.200 anos e se encerra na data 13.0.0.0.0, que para muitos estudiosos, embora não haja um consenso a respeito, corresponde à data de 21/12/2012.

– Eu também já li a respeito – explicou Jamal. – Mas não há nenhum documento em que o povo Maia afirma que o mundo acabaria nessa data. Até porque os povos ameríndios não tinham uma concepção linear de tempo que levasse a pensar em um fim absoluto. Quem disse isso não analisou corretamente as informações. Inclusive, grande parte dos estudiosos acredita que, após chegar àquela data final, o calendário Maia se reiniciaria. Assim como para nós o 31 de dezembro é sucedido pelo dia primeiro de janeiro, para eles o dia 22/12/2012 corresponderia ao dia 0.0.0.0.1

– Ninguém sabe dizer com certeza o que vai acontecer em 2012 ou depois. Mas, por outro lado, se continuarmos a tratar mal o planeta e não adotarmos medidas para mudar uma série de comportamentos nocivos à natureza, vários recursos importantes como a água potável, por exemplo, irão se esgotar, colocando em risco a nossa sobrevivência e a de outros seres vivos. Provavelmente estaremos em piores condições ambientais e econômicas, diante de um momento decisivo para a humanidade: ou ela encontra a maneira adequada de viver e evoluir, ou irá ao encontro da autodestruição – arrematou Master.

Ao que Jamal retrucou:

– Em grande parte, as ações humanas têm boa parcela de responsabilidade sobre as alterações climáticas e suas dramáticas

consequências, muitas das quais já estão nos afetando. Mas não devemos descartar também outros fatores naturais, como, por exemplo, as explosões solares. Estudos recentes feitos pela Nasa, a agência espacial norte-americana, comprovaram que a atividade na superfície do Sol está se intensificando. Fotos feitas por telescópios espaciais mostram que houve um grande aumento das labaredas solares e essa atividade intensa poderá prejudicar o campo de proteção magnética da Terra, afetando nossos sistemas de comunicação e de distribuição de energia elétrica. E o pico das atividades solares poderá ocorrer em 2012. Por isso a Nasa enviou uma sonda, batizada de Observatório de Dinâmica Solar, que terá a missão de coletar dados que os ajudem a compreender o que está acontecendo e a tomar providências antecipadas, como por exemplo, o desligamento de circuitos eletrônicos sensíveis antes das tormentas magnéticas, o que poderá reduzir o risco de danificar os satélites de transmissão.

– Tem razão, Jamal. Outro acontecimento é a hipótese do cometa, sobre a qual iremos conversar com o seu amigo Miguel Antunes. Há várias teorias sobre isso, inclusive Nostradamus, em uma de suas profecias para o futuro, mencionou que uma estrela de cabeleira brilhante iria se aproximar da Terra. Estou curioso para ouvir o que o seu amigo tem a dizer sobre isso. Ele é astrônomo, não é?

– Não sei ao certo. Mas já vamos descobrir – disse Jamal, estacionando o carro.

Miguel estava na entrada da casa, conversando com Maria, quando viu Jamal e Master se aproximarem. Depois de se cumprimentarem, eles foram para uma sala e Miguel contou que era

graduado em Física e pós-graduado em Astronomia pelo IAG-USP, o Instituto Astronômico e Geofísico da Universidade de São Paulo e que trabalhava como pesquisador do INPE, o Instituto de Pesquisas Espaciais. E, nas horas vagas, dava aula de astronomia para os jovens da ONG.

– É gratificante saber que um estudioso do seu nível dedica parte do seu tempo para dividir seu conhecimento com os jovens – elogiou Master.

– Eu ensino algumas coisas, mas também aprendo muito com esses rapazes e moças. É, na verdade, uma troca, e esse convívio é extremamente positivo para as duas partes – disse Miguel.

– Tenho certeza de que é – concordou Jamal. – Mas hoje eu gostaria que você nos falasse sobre os seus estudos a respeito da aproximação de um cometa.

Miguel começou sua explanação, lembrando que a Terra leva 365 dias e algumas horas para fazer um giro completo em torno do Sol e que muitos outros astros acompanham esse movimento, atraindo e sendo atraídos, como numa miraculosa dança cósmica. Ele enfatizou que a comunidade científica está atenta, pois o surgimento de um novo corpo celeste no nosso sistema solar, em aproximação da Terra, dependendo de suas dimensões, poderá provocar mudanças drásticas, pela atuação conjunta com a lei da gravidade e demais leis naturais ainda desconhecidas, como abalos sísmicos, erupções vulcânicas, elevação do nível dos oceanos, entre outros fenômenos.

– É interessante notar como a ciência, de certa forma, está comprovando algumas profecias do passado que falavam sobre a vinda de um cometa, que tanto poderia trazer uma energia transformadora benéfica, caso a raça humana tivesse atingido o esperado estágio evoluído, como também uma forte efervescência saneadora, caso tivesse permanecido estagnada no processo evolutivo natural. Nesse segundo caso, a energia viria como uma força restauradora, destruindo as obras más e provocando um período de efervescência, trazendo caos e pânico até que os mecanismos naturais tivessem a sua sincronia restabelecida – disse Jamal.

– Possivelmente, a mais remota informação sobre a vinda de um cometa ocorreu há 4.500 anos a.C., na profecia em pedra, como alguns denominam a Grande Pirâmide do Egito, conhecida como Pirâmide de Quéops. Mas em decorrência das inúmeras interferências havidas no interior da pirâmide, pouco restou das advertências, assim as referências ao cometa ficaram apagadas na memória – complementou Master.

– Outra menção sobre a vinda do corpo celeste foi feita pelos índios Hopis, habitantes da região norte do Arizona, nos Estados Unidos – continuou Jamal. – São pessoas de caráter firme e pacífico. Hopi significa paz. Eles afirmam que no futuro ocorrerão grandes transformações em decorrência do comportamento inadequado da humanidade. As árvores irão perecer, regiões frias se tornarão quentes, e as quentes irão esfriar, terras afundarão e outras se elevarão, os oceanos irão invadir os continentes, e tudo isso se dará quando a Estrela Azul aparecer. É o que diz a profecia.

Após ouvir atentamente as palavras de Jamal, Master acrescentou:

– Ao longo dos séculos, os seres humanos se tornaram escravos do raciocínio, dedicando-se exclusivamente às conquistas materiais e, dessa forma, se afastaram do Amor Auxiliador, entregando-se ao malquerer, permitindo que a aspereza tomasse conta de tudo. É como se tivéssemos atirado muitas pedras para o alto que agora estão voltando, lançando-se sobre nós como leões famintos, gerando um período em que todas as consequências negativas se tornam evidentes, sacudindo a vida e o planeta. O materialismo sem coração está atingindo seu ponto culminante, evidenciando a sua fragilidade e impropriedades. Mas, passada a tormenta, deverá surgir a era da reconstrução.

– Assim como você, Master, eu também acredito que um mundo melhor, que todos almejamos desde sempre, se tornará possível depois da passagem transformadora do Grande Cometa. O planeta deverá ficar livre dos atormentadores pensamentos pestíferos. O poder não ficará mais a mercê dos caprichos de indivíduos ou grupos cuja visão se restringe à vida material terrena, buscando apenas a satisfação do próprio ego, querendo tudo para si. Mas será empregado exclusivamente para o bem da humanidade, pois nenhuma riqueza material é transportada para o outro lado da vida. Sobre essa questão eu ainda gostaria de acrescentar as palavras de Abdruschin: “Já há anos vêm os entendidos falando da vinda dessa estrela tão significativa. O número dos que a esperam vai assim aumentando cada vez mais, e mais e mais se vão densificando as alusões a respeito, de maneira que, na realidade, deve estar iminente seu aparecimento. Entretanto, o que ela significa, o que traz, donde vem, ainda não foi esclarecido direito” – ressaltou Jamal.

Master complementou:

– De fato a humanidade acabou perdendo completamente o conhecimento sobre o grande cometa. Por outro lado, não está longe o tempo no qual o saber de que cada vida terrena não passa de um pequeno intervalo no desenvolvimento do espírito, norteará as decisões humanas que sempre estarão voltadas para o embelezamento e aprimoramento geral. Evoluindo continuamente, os seres humanos alcançarão a verdadeira felicidade, cientes de sua responsabilidade e dos efeitos inexoráveis de suas ações sobre si mesmos. Finalmente a espécie humana não mais agirá como intrusa no planeta, pois aprenderá a se inserir corretamente sem criar perturbações no maravilhoso mecanismo natural da vida, vivendo em paz, com harmonia e progresso.

– Meus amigos, acho essas considerações filosóficas de vocês muito interessantes, mas como sou um homem da Ciência, minha visão é menos otimista – disse Miguel. – A aproximação de um cometa poderá causar muitos danos à vida na Terra. Mas sobre isso também existem muitas teorias díspares. O israelense Zecharia Sitchin, por exemplo, que decifrou antigos textos babilônicos, afirma que existe no nosso sistema solar um planeta ou uma estrela chamada Nibiru que passa próximo ao Sol a cada 3.600 anos e em uma dessas passagens, um de seus satélites colidiu com um pequeno planeta originando a Terra. Outros autores, seguindo a teoria de Sitchin, acreditam que Nibiru irá passar perto do nosso planeta em 2012 e a atração gravitacional entre ambos poderá provocar dilúvios e terremotos.

– São teorias interessantes, mas o que os astrônomos da atualidade pensam a respeito? – indagou Master.

– Não descartamos a possibilidade da existência de outros planetas ou corpos celestes que ainda não conseguimos identificar no nosso sistema solar. Mas órbitas de planetas não se sobrepõem umas às outras. Isso apenas acontece com cometas e asteróides. Por isso estamos mais propensos a acreditar que essa Estrela Azul, que vocês mencionaram, é um cometa, e se ele colidir com a Terra, ou se aproximar demais, poderá causar grandes danos. Os cientistas do mundo todo e a Nasa estão alertas, monitorando o espaço constantemente. Pessoalmente, não acredito que as tragédias anunciadas irão se concretizar. Assim como aconteceu com o Cometa Halley, acho que este também acabará se desviando e passando bem longe da Terra.

Jamal tirou da sua pasta a foto de um cometa e prosseguiu:

– Vejam esta bela imagem de uma Estrela Azul. O astrônomo chileno, Carlos Muñoz Ferrada, também fez previsões sobre um gigantesco astro com núcleo avermelhado e cauda azulada, mas cometeu o equívoco de estabelecer em nosso calendário o ano 2000 para a eclosão das catástrofes naturais em decorrência da aproximação, o que é uma tarefa impossível nos eventos cósmicos. Provavelmente, os decodificadores da profecia Maia estejam cometendo o mesmo erro. O importante é sabermos que, num passado longínquo, dizia-se que o cometa, quando chegasse, levaria as pessoas a buscar o modo certo de viver, consentâneo com as leis naturais, mas, ao mesmo tempo, com seu enorme potencial de energia, iria restabelecer a ordem natural. Dessa forma, o ser humano aprenderia a viver em paz e harmonia com a natureza, sem romper o equilíbrio, favorecendo o progresso e harmonia. Surgiria a era do saber e do conhecimento, então a ciência estaria profundamente entrosada com a natureza e suas leis.

Miguel olhou fixamente para a figura do cometa, buscando as palavras adequadas para expressar seus pensamentos:

– De qualquer forma, acho importante que os estudiosos continuem observando o que acontece no espaço e o que poderá nos afetar, de uma forma ou de outra. Mas no momento, o que mais me preocupa é a ação predatória do homem sobre o planeta, exaurindo os solos, retirando dos rios e mares mais do que o permitido pela capacidade de reposição das espécies. A qualidade de vida nos grandes centros urbanos tem piorado muito pela falta de tratamento dos esgotos e escassez de áreas verdes. No interior do Brasil continua a derrubada de matas para a extração da madeira, para ampliação de pastos e de áreas para cultivo, ou ainda para transformar madeira em carvão. Certamente, as emissões de CO₂, o despejo de materiais tóxicos em rios e oceanos, a destruição predatória de florestas e tantas outras atitudes erradas irão comprometer a nossa sobrevivência principalmente no que se refere à produção de alimentos. Se tiverem tempo, posso levar vocês até o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – onde trabalho e mostrar alguns estudos que fizemos no Brasil. Acredito que será enriquecedor, especialmente para você Jamal.

– Que ótima ideia. O que acha, Master? Vamos até lá?

– E você ainda pergunta? – respondeu Zaion, quando seu celular tocou. – Desculpem-me, mas tenho que atender. É uma chamada do John Smith.

Depois de falar ao telefone, Master ficou com uma expressão desolada.

– O que foi, Master, algum problema? – quis saber Jamal.

– John acaba de me informar que Giorgio Dark conseguiu fugir. Parece que os policiais que o estavam escoltando até o aeroporto relaxaram a atenção e ele conseguiu escapar. Na verdade, isso não me surpreende. Gente como Dark é sempre amparada por pessoas influentes e poderosas que geralmente dão um jeito de interferir e retardar a justiça.

– Acha que corremos algum perigo? – questionou Jamal.

– Não. Por um bom tempo, Dark deverá se manter escondido e quieto para não chamar a atenção sobre seu paradeiro. Mas vamos ficar alertas, pois esses predadores não sossegam.

Capítulo 11 – Novos amigos

No caminho para a ONG, Samira e Malik tiveram a mesma sensação que Jamal teve ao chegar ao Rio de Janeiro e ver os contrastes entre os bairros nobres e a favela. Era como se existissem duas cidades em uma só, como resultado do sistema concentrador da riqueza. Assim que chegaram, foram recebidos com entusiasmo por Maria e um grupo de jovens.

– Nossa, a favela da Rocinha parece um labirinto. Só conseguimos chegar graças ao mapa e às indicações que o Jamal nos deu. Sem isso, acho que ficaríamos perdidos, rodando por aí durante semanas – disse Malik, em tom de brincadeira e tentando recuperar o fôlego, depois de percorrer todas as ladeiras e ruas estreitas para chegar até a sede.

– Também não precisa exagerar – retrucou Maria, rindo. – Admito que é um tanto trabalhoso chegar até aqui, mas pode acreditar que vale a pena. E você Samira, tudo bem?

– Tudo ótimo. Estou impressionada com o Rio de Janeiro. A cidade é tão bonita e, ao mesmo tempo, tão assustadora. No caminho para cá, vimos casas suntuosas, jardins bem tratados e quando estávamos nos aproximando, a paisagem mudou radicalmente. Subindo a favela, vi barracos muito pobres, com tijolos e cimento aparentes, sem nenhum acabamento. Devem ser bem desconfortáveis. Como você consegue conviver com essas diferenças? – questionou a jovem.

– Samira, infelizmente essa é a realidade de muitas pessoas

que tiveram de abandonar o interior, sem recursos, e que não têm outras opções de moradia. A forma que encontrei para ajudar é o trabalho que faço na ONG, junto com os colaboradores e com a comunidade. Sendo a nossa população resultado de uma miscigenação de raças, o Brasil criou um ambiente favorável para a convivência, porém faltou maior preocupação com a boa formação educacional. No passado, a base da pirâmide populacional abrigava a classe escrava a qual, após a abolição, não recebeu a adequada integração social, permanecendo sem capacitação para ascender na escala social. Por isso, agora temos vários projetos com o objetivo de ajudar essas pessoas a descobrir seu próprio potencial e a desenvolver novas habilidades. Assim poderão encontrar melhores empregos e ter maior renda, ou até mesmo abrir seu próprio negócio. Com mais informações e recursos, aos poucos eles podem reformar seus barracos e torná-los mais confortáveis. Já há boas casas na favela. Nem todas são tão precárias. A sede da nossa ONG é um exemplo disso.

– Tem razão. Estou sendo preconceituosa. Este local é uma verdadeira cidade, da qual eu vi apenas um pedacinho e já comecei a fazer julgamentos. Me perdoe, por favor – respondeu Samira.

– Ora, não seja tão rigorosa com você mesma. É normal ter essa sensação – amenizou Maria. – Vamos fazer um pequeno *tour* pela ONG, para que vocês possam ver alguns dos projetos em curso e depois vou levá-la ao grupo que está fazendo o trabalho com as adolescentes, conforme conversamos na fazenda.

– Legal. Mas, e o meu pai e o Master, eles não estavam por aqui? – perguntou Samira.

– Eles saíram um pouquinho antes de vocês chegarem. O Miguel os levou até o INPE para mostrar alguns estudos sobre mudanças climáticas.

Cativados pelo bom humor e pela delicadeza de Maria e também pela alegria do grupo de jovens que os acompanharam o tempo todo, Malik e Samira se sentiram muito à vontade ao percorrer as diversas salas da instituição e observar os belos trabalhos que estavam sendo feitos. Malik preferiu ficar na quadra e jogar futebol com os rapazes, enquanto Samira, Maria e as moças seguiram para outra sala, onde seria realizada uma reunião com jovens adolescentes grávidas.

As cadeiras estavam dispostas formando um círculo, para que as participantes pudessem interagir umas com as outras e também para que houvesse maior descontração. A condução da reunião estava a cargo da dra. Carmem Valente, diretora do centro de obstetrícia do Hospital das Clínicas de São Paulo e professora da USP – uma ginecologista muito respeitada no segmento médico. Muito comunicativa e simpática, não demorou para que conseguisse cativar as participantes do grupo, a maioria jovens de 14 a 16 anos, que falaram abertamente sobre seus medos, sonhos e tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas.

Samira ficou observando tudo com muito entusiasmo. No final, aproveitou para conversar com algumas participantes e com a dra. Carmem.

– Foi excelente a forma como você conduziu a reunião. Parecia uma conversa entre amigas e não lições ministradas por uma profissional tão conceituada como você – disse Samira.

– Sempre acreditei que o melhor caminho para se chegar ao coração e à cabeça das pessoas é o diálogo e a descontração. Se eu me colocasse como uma professora universitária e tivesse um discurso muito pomposo, a maioria dessas meninas não voltaria nunca mais. Mas se eu consigo mostrar a elas que podemos conversar abertamente sobre tudo, sem repreensões ou lições de moral, elas ficam mais confortáveis para se abrir. Muitas delas sofrem pressões e recriminações da família e da sociedade e estão muito assustadas. Aqui elas sabem que haverá sempre alguém disposta a ouvi-las e a confortá-las. Não é um local só para obter informações sobre a importância do pré-natal, os cuidados com a alimentação durante a gravidez, o parto e os cuidados com o bebê, entre outros temas importantes, mas, principalmente, um lugar com pessoas que as recebem de braços abertos, para ajudá-las a enfrentar os problemas que uma gravidez na adolescência acarreta – justificou Carmem.

– Acredito que deveríamos aplicar esse projeto no meu país. Em Berbéria também temos esse problema. Queria poder não só ajudar às moças que engravidaram cedo demais, como também realizar um trabalho de educação para evitar que outras meninas passem por isso.

A jovem se lembrou de uma conversa que tivera com seu pai. Ele havia dito algo muito perturbador: que o futuro do mundo está nas mãos das mulheres, pois elas são responsáveis, em primeira linha, pela qualidade dos seus filhos. Se elas não atentarem para isso, a decadência será inevitável e a humanidade será incapaz de cumprir o seu papel. Samira estava vivenciando isso ao observar o despreparo daquelas moças grávidas. Ter filhos é uma coisa muito séria. Não adianta só ter boas escolas, pois ao completar sete anos

as crianças estão despreparadas para elas, temos que iniciar a sua educação desde o ventre materno e nas creches.

– Nós também fazemos um trabalho educacional preventivo para jovens aqui na ONG – explicou Carmen. – O que mais nos preocupa é o aumento do número de meninas de 12 a 14 anos que engravidam. Muitas delas se deixam envolver por rapazes em festinhas nas quais são servidas bebidas alcoólicas. Para se sentirem aceitas, acabam bebendo e até usam outros tipos de droga, como maconha e praticam o sexo pelo sexo, sem ternura, sem informação, sem consciência. A educação e o preparo para a vida, na família e na escola, são de fundamental importância para que isso possa ser evitado. Uma sociedade sem valores e sem pudor torna-se uma sociedade embrutecida. Se você tiver interesse, podemos marcar um horário para falar mais sobre esse assunto. Tenho várias apostilas e materiais que você poderá aproveitar em seu país. Aqui está o meu cartão, com os meus contatos. Mas já podemos deixar agendado um encontro para depois de amanhã. Combinado?

– Combinado – concordou Samira. – Tenho muito interesse por esse assunto porque o uso de drogas, principalmente o álcool, é outro problema constante também no meu país. E é preocupante porque as garotas que bebem e se drogam, fatalmente acabarão tendo uma vida sexual precoce e desregrada, mantendo relações com vários parceiros sem conhecê-los direito, sem precauções e, inclusive, correm o risco de contrair várias doenças.

– Tem toda razão, Samira. Um estudo feito por uma pesquisadora da Universidade do Ceará comprova isso. A perspectiva de vida das meninas na região nordeste do Brasil é de 30 anos,

em média. Isso porque se alimentam mal e levam uma vida desregrada. Assim, ficam com a saúde debilitada e, em consequência, acabam contraindo o papiloma vírus – o HPV, que é a porta de entrada para uma doença ainda mais terrível: o câncer. Essas meninas, descuidadas, acabam definhando precocemente, pois quando detectam a doença, já é tarde demais. Aqueles que fazem a apologia da maconha deveriam olhar para o contexto de miséria e falta de preparo das novas gerações, principalmente no Brasil onde necessitamos de muita educação e muito preparo para a vida. Vou te mandar um material sobre isso também, ok?

Depois que a dra. Carmen saiu, Samira continuou passeando pela ONG junto com Maria. Nos contatos com outras colaboradoras e com as pessoas da comunidade, ela se deu conta de que existem muitas coisas bonitas que somos capazes de fazer, sem depender de dinheiro. Um local limpo, bem arrumado, decorado com flores já é capaz de transmitir uma sensação de paz e bem-estar. E com os novos amigos que conquistou no dia, Samira constatou que, com criatividade e inteligência, é possível motivar as pessoas a cultivar e respeitar tudo o que é belo. Essa deveria ser a meta de todos e, principalmente dos educadores, pois assim poderiam contribuir para formar líderes capazes de promover a ciência, a arte, o bem-estar social e o respeito à vida e à natureza. Os jovens têm percepção do que está acontecendo ao seu redor e querem participar, saber, conhecer. Mas precisam ser orientados sobre o poder do próprio querer, da qualidade de seus pensamentos e da importância do uso da palavra com seriedade e bom senso, falar pouco e dizer muito.

No caminho de volta para a fazenda onde estava hospedada, Samira reviveu em pensamento tudo o que havia presenciado

durante o dia. E também lhe vieram à mente os conceitos que seu pai sempre defendeu em seus discursos para a população. Jamal também tinha o dom de conversar com desconhecidos como se fossem velhos amigos, assim como a dra. Carmen havia feito.

E lembrou que o pai lhe disse, certa vez, que falar e escrever são verdadeiros presentes oferecidos à espécie humana, pois através dessas formas de comunicação, podemos agir construtivamente, incentivando o que é bom e útil. Mas, por outro lado, também podemos usar essas mesmas ferramentas para destruir e disseminar a falsidade e as mentiras. Cabe aos pais e aos educadores orientar as crianças e estimulá-las a serem ativas, desembaraçadas, criativas e independentes, e também a se manifestar sobre seus interesses e preferências. Quando as crianças não aprendem isso desde cedo, poderão crescer recalçadas, vindo posteriormente a manifestar seus desejos de forma mais agressiva, ou então, ficam acomodadas, temerosas, sem coragem e perseverança para realizar seus sonhos.

O dia também havia sido bastante proveitoso para Jamal e Master. No INPE, eles tiveram acesso a vários estudos realizados pelos pesquisadores da instituição e ficaram estarecidos com o que viram e ouviram. Depois do jantar, ambos se reuniram com os demais companheiros da Fraternidade Ametista para compartilhar os conhecimentos obtidos. Eles citaram os estragos que foram provocados em 2004, pelo furacão Catarina, na cidade de Torres, no Rio Grande do Sul. Até então nunca havia ocorrido um fenômeno desse tipo. Foram danificadas 32 mil casas e 11 pessoas morreram. Nem a população nem as autoridades estavam preparadas para lidar com aquela situação. E com o aquecimento global, o panorama pode piorar no futuro próximo. Segundo o pesquisador Carlos

Nobre, nos últimos 40 anos a intensidade dos furacões e ciclones aumentou de forma significativa devido à elevação de 0,4° da temperatura do oceano Atlântico. Também foram observados que estão se alternando períodos de chuva intensa e de secas, além das grandes variações de temperatura em curto espaço de tempo. Isso prejudica especialmente a agricultura. O Rio Grande do Sul, considerado o celeiro agrícola do país, tem apresentado crescimento negativo nos últimos tempos, o que está levando as novas gerações de agricultores a abandonarem o campo.

– O que mais me chamou a atenção é que nos últimos 10 anos as praias do Recife encolheram 2,5 m devido ao avanço do mar, que está recebendo maior volume de água em consequência do derretimento das geleiras nos polos Norte e Sul. O Rio de Janeiro também sente os efeitos do aumento de volume dos oceanos. As ressacas estão mais intensas e as ondas atingem altura cada vez maior, o que representa uma ameaça para a estrutura urbana.

– Havia estudos também sobre a Amazônia? – quis saber Viveca Sanches.

– As notícias não são nem um pouco animadoras. O desmatamento da região levou o Brasil a ocupar a quarta colocação entre os países que mais emitem gases do efeito estufa – respondeu Master. – Com a derrubada das florestas, o clima se torna mais seco na região, afetando a vida de aproximadamente 20 milhões de pessoas. E o pior é que nada de efetivo está sendo feito para reverter esse processo. Se isso continuar, a Amazônia poderá se tornar um cerrado. Outro dado interessante é que cerca de 70% do desmatamento da região ocorreu em 2008 e 2009

foi feito para a implantação de fazendas pecuárias. E, como se sabe, o gado é responsável pela emissão do gás metano que é 21 vezes mais nocivo que o CO₂. Segundo estudos da Embrapa, cada boi emite 58 kg de metano. O problema é que o Brasil é o maior produtor de carne bovina do mundo e as emissões de metano estão alcançando algo próximo a 10 milhões de toneladas por ano. O caminho é estimular a mudança de paradigma dentro da pecuária brasileira. Uma das alternativas é mudar a alimentação do gado para que emita menos gases. Há várias linhas de pesquisa nesse sentido. A população também precisa buscar variedade de alimentos e reduzir o consumo de carne.

– Pelo que vimos, a ciência tem um importante papel, que é o de identificar quais são os riscos que corremos e que devem ser evitados. É preciso alertar a sociedade e, principalmente, os governantes. E também propor algumas soluções – disse Carlo Arnaboldi. – Isso ajuda as pessoas a se tornarem mais conscientes e, assim, elas passarão a pressionar o poder público para que sejam estabelecidas estratégias efetivas para a preservação ambiental, mas a humanidade ainda permanece cega e surda para perceber a situação.

Depois de refletir um pouco, Master continuou:

– Lamentavelmente, ainda não sabemos qual é a verdadeira finalidade dos seres humanos na Terra, e é insípida a consciência de que o planeta seja o nosso lar. Nos séculos passados, a Europa Ocidental se julgava no direito de extrair as riquezas das Américas e da África promovendo destruição e desequilíbrios nas regiões conquistadas e escravizando os habitantes locais. Não

podemos nos esquecer de que tudo o que utilizamos para atender às nossas necessidades vêm da natureza. Quando exploramos uma região de forma predatória, esquecendo que o planeta e a natureza são um todo, estamos descuidando do lar que nos serve e que deve ser preservado para as gerações futuras. Quando os humanos surgiram, tudo estava pronto, a interferência deveria ser no sentido de manter o contínuo aprimoramento, e não provocar a exaustão e a destruição do equilíbrio que faz tudo funcionar miraculosamente e se renovar.

– Concordo com você, Master – disse Humberto Sanches. – Durante séculos os mecanismos naturais funcionaram corretamente. Mas nos últimos 50 anos as interferências humanas provocaram alterações drásticas e causaram os desequilíbrios que estão colocando em risco a nossa sobrevivência. Acredito, seriamente, que não se pode pensar em controlar os efeitos negativos da ação humana sobre a natureza se, ao mesmo tempo, não fizermos um programa educacional visando inserir o homem no seu devido lugar. Nós fazemos parte da natureza e tudo que fizermos contra ela estaremos fazendo contra nós mesmos.

– Mas, em vez de se integrarem com a natureza, para uma vida plena, desvendando todos os segredos que ela oculta, os seres humanos inventaram o dinheiro – disse Jamal. – Quando o dinheiro passou a ser usado amplamente, não apenas para financiar a produção e o consumo, tornou-se uma poderosa arma estratégica de influência e dominação e perdeu a sua característica de meio de troca; sua acumulação passou a ser considerada como fim em si, gerando uma guerra econômica desumana. Com a acumulação, aumentou a voragem e a especulação, com o seu efeito desagrega-

dor, passou a ser considerada como a forma de aumentar continuamente a riqueza financeira, sem qualquer outra consideração com a riqueza real que provém da natureza. Então se formou um castelo de areia que só se mantém em pé com muitos remendos, mas algum dia vai desabar provocando vários estragos.

– Não estamos enfrentando apenas o aquecimento global e as consequências climáticas – complementou Master. – Estamos diante de uma situação decadente que se agrava em decorrência da sintonia errada, voltada apenas para os aspectos materiais. Estamos exaurindo os recursos naturais e produzindo muito lixo. Nesse cenário, as novas gerações estão vivendo o imediatismo do dia a dia, pois estão perdendo as esperanças de alcançar um futuro melhor. Em seu inconformismo diante de um mundo desumano, a juventude de hoje não está recebendo estímulos enobrecedores e não estabelece uma conexão com os valores da própria alma, caindo no marasmo e na inutilidade. Temos construído um mundo áspero e perturbador, que agora, nos limites críticos, começa a mostrar os efeitos indesejáveis das ações desprovidas de humanidade. A grande finalidade da vida é buscar a evolução integral, material e espiritual. Basta de egoísmos e sede de poder. Necessitamos de uma nova visão do mundo e da união dos esforços. Só assim seremos capazes de salvar o planeta e a espécie humana, criando as bases para um mundo melhor.

Concordando com Master, disse Jamal:

– É isso mesmo que precisamos, porém temos que formar líderes capacitados para evoluir e conduzir a humanidade com essa visão direcionada para a conquista de melhora contínua, em todos os aspectos da vida.

Capítulo 12 – De volta ao lar

Jamal e os demais companheiros da Fraternidade Ametista passaram suas últimas semanas no Brasil elaborando uma série de estudos relativos à aproximação do cometa e também às mudanças climáticas. Eles ficaram estarrecidos com as informações colhidas, entre as quais se incluía a de que as cidades brasileiras com mais de 300 mil habitantes (totalizando 81 municípios em todo o país, onde vivem 72 milhões de habitantes) despejam na natureza, todos os dias, mais de 5,9 bilhões de litros de esgotos que não recebem qualquer tipo de tratamento, poluindo rios e praias. É um volume gigantesco que tende a causar danos enormes para a natureza e para a saúde da população.

Em uma reunião final, na fazenda, o sentimento geral era um misto de dever cumprido e contentamento. Todos estavam ansiosos para voltar aos seus respectivos lares. Apesar de ainda demonstrar o vigor que o caracterizava, Jamal não conseguia esconder sua decepção com o progresso mal orientado que provocava mais danos que benefícios. Em certo momento, a sós com o irmão, ele finalmente pôde revelar o que o afligia.

– Mesmo que tenha sido pelos motivos errados, nossa visita ao Brasil foi extremamente proveitosa. Reunimos uma série de informações que completam os estudos já feitos e agora terei argumentos bem mais convincentes para levar aos próximos encontros com os líderes mundiais – disse Jamal.

Malik conhecia bem o irmão e sabia o que se passava em seu coração. Estava chegando a hora de voltar para Berbéria e de dizer adeus a Maria, e isso também o preocupava.

– É, meu caro irmão, não adianta tentar disfarçar. Pode se abrir comigo. Temos que voltar para casa e isso, de certa forma, o

está incomodando, não é? – disse Malik, colocando a mão sobre o ombro de Jamal. – Sei que viveu emoções fortes nos últimos tempos e notei que se interessou por Maria. Ela é, realmente, uma mulher excepcional. Por que não a convida para ir conosco para o nosso país? Ela poderia nos ajudar a implantar programas educacionais semelhantes aos que coordena no Brasil. Seria uma ótima companheira para você e uma boa amiga para Samira. As duas se deram muito bem.

– Estive pensando nisso nos últimos dias – confessou Jamal. – Ela é tão cativante, determinada e delicada, mas o que sinto não é só uma paixão, atração física ou um entusiasmo momentâneo. É algo mais forte. Todas as vezes que olho para ela, sinto como se a conhecesse há muito tempo. Tive até um sonho na noite passada e poderia jurar ter sido a lembrança de uma vida passada.

– Por que não conversa com ela sobre isso? – questionou Malik. – Quem sabe ela também não sente o mesmo e essa história, no final das contas, tenha um final, ou melhor, um começo feliz?

Os dois irmãos se abraçaram. A conversa animou Jamal e lhe deu a coragem necessária para fazer aquilo que seu coração queria de verdade. Ele pegou o telefone e marcou um jantar com Maria em um restaurante à beira mar.

A noite estava perfeita. O céu estrelado e o brilho da lua cheia convidavam os enamorados a sonhar. Maria estava radiante, trajando um vestido estampado com flores delicadas, mostrando sua beleza natural. Os cabelos cacheados emolduravam seu rosto e os olhos brilhavam de forma intensa, como Jamal jamais havia visto. Ele também estava alinhado, vestindo jeans, camisa polo e uma jaqueta, e estava cada vez mais atraído pela beleza daquela linda morena, querendo permanecer ao lado dela

mais e mais. Depois do jantar, eles decidiram andar no calçadão, perto da praia.

– Estou te achando um pouco nervoso, Jamal. O que é que você está querendo me dizer que não está conseguindo? – perguntou Maria.

– Pelo visto, você sabe ler meus pensamentos – disse Jamal, dando um sorriso meio sem graça. – Não sei bem como te dizer isso, mas sonhei com você ontem à noite, como se fosse a lembrança de uma vida passada. Eu era o rei de uma tribo africana e você era uma linda jovem que estava destinada a ser minha mulher. Foi amor à primeira vista para nós dois. Mas então veio uma desgraça. Fomos atacados por outra tribo inimiga. Lutei bravamente para defender meu povo, mas não resisti à luta e acabei sendo ferido mortalmente. Você foi arrebatada de forma cruel e junto com meu povo foi capturada e vendida no mercado escravo. Acordei de súbito e tive a sensação de que este nosso reencontro tenha sido promovido pelos nossos guias espirituais. Acha que sou maluco?

– De forma alguma. Você pode não acreditar, mas tive um sonho semelhante. Olhe só, estou toda arrepiada. Lembro muito bem da cena. Nós estávamos na beira do rio, quando fomos surpreendidos por guerreiros de outra tribo. Você tentou me defender, mas eles o cercaram. Você lutou, mas acabou sendo ferido por uma lança. Eu gritei e tentei chegar perto de você, mas os guerreiros me dominaram e me levaram embora. Ainda me lembro do sofrimento que senti ao te ver caído no chão e não poder fazer nada para te socorrer.

– Foi assim mesmo. Nossa, estou impressionado. Isso nunca tinha me ocorrido. Acho que existe realmente uma conexão muito forte entre nós.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, até que Jamal segurou as mãos de Maria e encheu-se de coragem para se declarar.

– Maria, sei que tenho mais idade do que você, mas desde que a conheci não consigo parar de pensar em nós dois. Você é muito especial, mas o que sinto, acredite, é muito mais forte do que apenas uma atração ou paixão. Você já deve ter visto muitas situações como essa, em que homens mais velhos se deixam levar pela atração sexual ou até mesmo pela vaidade e se envolvem com mulheres mais jovens. E em muitos casos, os resultados não são bons. Mas, não é isso que se passa comigo.

– Eu sei disso, Jamal, eu bem sei que existem mulheres jovens que se envolvem com homens mais velhos apenas por interesse. E eu não sou assim, e tenho certeza de que você sabe disso. Eu também penso muito em você.

Ao ouvir isso, Jamal envolveu Maria em seus braços e a beijou. Eles ficaram abraçados por alguns momentos, contemplando a lua que brilhava no céu e sentindo-se como dois adolescentes apaixonados. Depois, Maria olhou para Jamal e disse:

– Mas não era só isso que você queria me falar... Você vai voltar para a África e veio se despedir de mim, não é?

– Na verdade, Maria, eu gostaria que você fosse para Berbéria junto comigo. Não consigo mais imaginar a minha vida sem você. Eu não posso ficar no Brasil, apesar da forte atração. Ainda há muita coisa que preciso fazer em meu país. E você po-

deria me ajudar muito, levando para lá os programas que coordena aqui.

– É uma proposta tentadora, Jamal. Mas acho que não vai dar certo. Não posso abandonar o trabalho que iniciei. Os jovens da ONG ainda precisam de mim e não quero me interpor entre você e sua querida filha. Não me peça isso, por favor.

– Impossível. É lógico que vou insistir na nossa felicidade. Quanto à minha filha, ela também deseja o que seja bom para mim. Conheci alguns dos seus colaboradores e sei que, se você quiser, poderá prepará-los para continuar o que começou. Entendo que isso representará uma grande mudança na sua vida, mas pense no quanto essa experiência poderá ser enriquecedora para você. Não quero que me dê uma resposta agora. Pese os prós e contras, escute seu coração e, principalmente, a sua intuição. E depois voltaremos a conversar, está bem?

A mente de Maria estava relutante, no entanto, seu coração se sentia feliz. Ela respondeu:

– Pode deixar. Antes de tomar uma decisão, vou examinar sua proposta com carinho.

Sem mais palavras, os dois seguiram de mãos dadas pelo calçadão, envolvidos pelo silêncio da noite.

Capítulo 13 – Corações e mentes buscando sabedoria

Grande parte dos amigos da Fraternidade Ametista já havia regressado, cada um para seu respectivo país. Apenas Henrique Zaion, o casal Humberto e Viveca Sanches, além de Jamal, Malik e Samira restavam na fazenda. Contentes por terem sido bem-sucedidos no resgate de Jamal e por conseguirem reunir mais informações para seus estudos sobre as mudanças climáticas, os companheiros davam claros sinais de que estavam ansiosos para voltar para suas casas.

– Hoje voltaremos para casa, meu querido – disse Viveca, segurando a mão do marido. – Apesar dos momentos tensos que passamos, nossa vinda para este belo país foi muito proveitosa. Mas preciso confessar que estou ansiosa para voltar ao México, rever parentes e amigos que deixamos por lá. Não há nada como a casa da gente!

– É verdade. Eu também estou ansioso para voltar para Cambridge, na Inglaterra, rever meus alunos e retomar meu trabalho na universidade – concordou Zaion. Ele também estava ansioso para receber as informações que havia encomendado sobre o paradeiro de Dark, para que não tivessem mais surpresas desagradáveis. – E quanto a você, Jamal? Está pronto para reassumir seu posto como ministro do Meio Ambiente de Berbéria?

– Uma parte de mim está muito feliz por poder regressar, mas a outra parte gostaria de ficar no Brasil – respondeu Jamal. –

Não é segredo para ninguém que fiquei muito envolvido com este país e com Maria. Será muito difícil me despedir dela.

– Mas, como assim, pai? Ela não vai com a gente? Pensei que estivesse tudo acertado a esse respeito – questionou Samira.

– Eu bem que tentei convencê-la, minha filha, mas acho que ela prefere ficar no Brasil. De qualquer forma, vou me encontrar com ela daqui a pouco. Ela havia me pedido um prazo para pensar na proposta que lhe fiz e esse prazo se esgota hoje. Não tenho muitas esperanças de que ela embarque conosco amanhã. Acho que hoje será a nossa despedida.

– Ah, pai, não seja tão pessimista. Vamos fazer o seguinte: eu vou junto com você e te ajudo a convencê-la.

– Eu também vou – disse Malik. – Afinal, é para isso que serve a família, não é? Para dar apoio nos momentos mais importantes.

– Ok, vocês venceram. Mas então vamos logo, porque temos que percorrer alguns quilômetros até a casa dela e não quero chegar lá muito tarde.

Maria também estava bastante ansiosa. A todo momento olhava o relógio para conferir as horas. Quando a campainha tocou, ela correu até o quarto para dar uma última ajeitada no cabelo e retocar o batom. Depois, respirou fundo e abriu a porta, surpreendendo-se ao ver os três juntos. Antes que ela pudesse dizer algo, Samira tomou a dianteira.

– Rápido, tio Malik, amarre os pés dela que eu amarro as mãos, enquanto o papai a carrega para o carro. É isso mesmo, Maria. Se não vier com a gente por bem, carregamos você na marra – disse Samira, em tom de brincadeira, conseguindo arrancar um grande sorriso de Maria. Depois de abraçá-la, continuou:

– Agora, falando sério, viemos em comitiva para te convencer a vir conosco para Berbéria, caso ainda esteja indecisa. Quero que saiba que nada me deixará mais feliz do que ver você e meu pai juntos. Ele está tão solitário, vive só para o trabalho. Mas depois que te conheceu, tudo mudou. O rosto dele se ilumina cada vez que fala o seu nome ou está perto de você e acho que esse sentimento é recíproco. Quero que saiba que eu também gosto muito de você e tenho certeza de que seremos grandes amigas. A única condição que te imponho é a de fazer o meu pai muito feliz.

– Que bom ouvir isso, Samira. Você está certa. Eu já me considero sua amiga e sinto que eu e seu pai estamos ligados pelo amor – respondeu Maria, voltando o olhar para Jamal. – Pensei muito nesses últimos dias e cheguei à conclusão que não devo abrir mão do que sentimos um pelo outro. É tão raro encontrar alguém que nos compreenda só de olhar para a gente, e que tenha os mesmos valores e objetivos, como acontece comigo e com você, Jamal.

– Maria, conheci muitas mulheres, mas bem poucas tinham o coração liberto da opressão do raciocínio calculista. Você é uma delas. Isso quer dizer que não posso aceitar um não como resposta. Afinal, qual é a sua decisão? – perguntou Jamal, emocionado.

– Minha resposta é sim e não – respondeu Maria, deixando os três confusos.

– Calma. Deixe-me explicar melhor – continuou, sorrindo. – Sim, eu quero ir para Berbéria, viver intensamente esse amor que sinto por você, Jamal, e te ajudar a implantar os projetos que tem em mente. E não, porque não posso ir agora. Preciso de mais um ou dois meses para ajeitar tudo por aqui, encontrar um substituto para coordenar os trabalhos e me despedir de amigos e parentes, entre outras pendências para resolver

Segurando as mãos de Jamal e olhando em seus olhos, ela perguntou:

– Você me espera?

Sempre – respondeu Jamal, abraçando-a e dando-lhe um beijo apaixonado. Ele estava muito contente e pensava como a vida pode surpreender, abrindo portas para a felicidade.

Dias depois, ao voltar ao trabalho, em Dandara, Jamal foi recebido com entusiasmo pelos assessores no seu gabinete no Ministério do Meio Ambiente. Feliz com a recepção calorosa, ele convocou uma reunião para anunciar os projetos que pretendia iniciar, um dos quais teria a coordenação de sua filha, Samira.

– Minha viagem ao Brasil foi extremamente rica. Os projetos que vi e que estão ajudando milhares de jovens e pessoas carentes comprovam o que sempre acreditei e defendi: que o ensino é a melhor ferramenta para ajudar a recuperar a autoestima e

a vontade de superar as dificuldades. Na ONG Jovens da Nova Era conheci vários professores de escolas públicas e também de instituições particulares que trabalham como voluntários e ajudam os moradores da favela a desenvolver habilidades, incentivando-os até a abrirem seus próprios negócios. E o mais interessante é que esses educadores também acabam ficando mais motivados e levam essa energia para seus respectivos ambientes de trabalho. Muitos deles me confessaram que se tornaram melhores profissionais depois que passaram a atuar na ONG.

– Realmente a escola é capaz de fazer milagres – concordou Hafidh, um dos assessores do Ministério. – Recentemente, li um artigo da vice-secretária geral da ONU, Asha-Rose Migro, em que faz recomendações sobre a urgente necessidade de normalização da vida escolar para ajudar as crianças do Haiti, depois da tragédia do terremoto que abalou o país no início de 2010. Ela destacou que mais do que ensinar, a escola dá às crianças a sensação de que tudo está voltando à normalidade, por ser um local de paz e refúgio, oferecendo, sobretudo, esperança no futuro. Segundo ela, os livros, os professores e a educação são a chave para uma vida e um futuro melhor.

– Bem lembrado, Hafidh. Eu também li esse artigo. Não sei se vocês sabem, mas a taxa de analfabetismo no Haiti é uma das mais altas do mundo. Um em cada cinco adultos não sabe ler e somente menos da metade das crianças frequentava as aulas antes do terremoto. É uma situação semelhante à de muitos países, inclusive o nosso. Por isso estou disposto a propor uma parceria com o Ministério da Educação de Berbéria. Já estou com tudo esquematizado. Elaborei uma série de projetos que poderão ser levados às escolas e também às associações de bairro e ONGs

que trabalham com as pessoas carentes. Temos de dar a elas a oportunidade de sair do atoleiro e desenvolver o seu potencial.

Vamos dar um novo rumo aos jovens, ensinando a eles artes, novos ofícios e esportes. É importante que recebam valores morais e éticos, respeito e consideração pelo semelhante, além de inculcar neles o cuidado com a natureza. Também deverão receber orientação sobre as questões ligadas à sexualidade responsável bem como sobre a prevenção de doenças transmitidas sexualmente.

A educação plena é a solução para um melhor futuro. É o principal instrumento para a construção de uma sociedade mais humana e pacífica e em permanente evolução, para não cair em extremismos e fanatismos, como o fascismo na década de 1930 e o radicalismo estudantil vazio de conteúdo da década de 1960.

– De fato, confirmou Hafidh. – O sofrimento e a miséria foram atraídos pela conduta errada da humanidade caminhando ao encontro da decadência, provocando o aumento da miséria e a revolta.

Com convicção, Jamal concluiu: – Mas isso deverá ter um fim. Para reverter o quadro de miséria das massas, as novas gerações deverão ser direcionadas para aspirar por ideais que busquem alvos grandiosos, sem fantasias, desenvolvendo ideias que possam ser efetivadas na Terra acarretando proveito para os indivíduos e para a comunidade. E isso deverá abranger tudo o que estiver se opondo às leis naturais da Criação, se é que os seres humanos realmente aspiram pela harmonia e pelo progresso.

Jamal estava prestes a terminar a reunião, quando foi interrompido por sua secretária, Chuki:

– Desculpe, sr. Jamal, mas como sei que se interessa por assuntos relacionados à saúde, na sua viagem ao Brasil o senhor fez alguma pesquisa relacionada à AIDS? Como bem sabe, nas últimas duas décadas a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida matou mais de 17 milhões de pessoas na África e o vírus HIV que a provoca ainda está se alastrando por vários países do continente. Ainda bem que em Berbéria tivemos poucos casos, mas isso não o preocupa? Há muita especulação sobre quais seriam suas reais causas e boa parte dos africanos nem sabe o que é a AIDS e acredita que a doença é apenas consequência da pobreza, ou até resulta de atos de bruxaria ou maldição, o que faz com que os doentes e seus familiares se isolem para escapar do preconceito.

– Realmente, Chuki, esse é um tema bastante delicado e preocupante. Como os primeiros casos da doença aconteceram na África e nos Estados Unidos, houve muita especulação sobre quais seriam suas causas, no entanto, constitui ainda mistério a questão de sua origem. Admitindo-se como correta a hipótese de que o vírus precursor tenha passado de primatas para o homem, permanece sem explicação plausível o mecanismo pelo qual isso teria ocorrido. E mais ainda, porque após milhares de anos de coexistência de homens e primatas no Continente Africano, somente agora se deu a emergência da infecção humana pelo vírus HIV. Outra hipótese é que poderia ter sido um experimento de laboratório que desastrosamente acabou se espalhando involuntariamente. Na verdade, ninguém sabe ao certo o que originou a doença, mas sabemos que nada acontece ao ser humano

sem que ele mesmo tenha dado a causa, por isso como já dissemos, esse é um tema que vamos incluir na questão educacional.

Entusiasmados com o retorno de Jamal, seus os assessores passaram várias semanas se dedicando arduamente ao trabalho para colocar os vários projetos em prática. A saudade de Maria era aplacada pelas longas conversas que tinham todos os dias por meio de videoconferência sobre os projetos destinados a fortalecer, nos jovens, o anseio e a busca do saber real e a introdução de uma educação ampla, livre de dogmas e fanatismos, para o desenvolvimento de seres humanos de elevada qualidade, aptos a construir um mundo de beleza, paz e alegria.

Algum tempo se passou até que os amigos da Fraternidade Ametista voltaram a se encontrar em Berbéria, mas desta vez por um motivo muito especial: assistir a cerimônia do casamento de Jamal e Maria. Os noivos estavam radiantes, não apenas por festejar a tão sonhada união, mas também por rever os companheiros e dividir com eles as conquistas obtidas com os projetos educacionais que estavam em andamento em Berbéria.

Master estava especialmente feliz por outra razão. Durante a festa, Jamal havia lhe confidenciado que fora convidado pelas lideranças para disputar as eleições para presidência de seu país, que seriam realizadas no ano seguinte, e o convidou para ajudá-lo na elaboração do plano de governo. A notícia encheu o coração de Zaion de esperança, pois Jamal sempre se esforçou em reconhecer e respeitar as leis naturais utilizando-as para o bem-estar através de uma forma de viver sadia e alegre. Ele também lembrou a célebre frase de um grande escritor brasileiro – Monteiro Lobato: “Um país se faz com homens e livros”. Ela se aplicava perfeitamente a

Jamal e reavivou em Master a certeza de que ainda existem políticos íntegros, competentes e que trabalham incansavelmente para ajudar cada ser humano a ser mais pleno e feliz. E Jamal, sem dúvida, era um deles, forte e brilhante como um diamante lapidado pelas vivências. Precisamos de líderes que tenham como visão a conquista de um mundo melhor e, com entusiasmo e convicção, motivem os demais para implantar a civilização diamante na qual as pessoas sejam verdadeiramente humanas.

Master, mais do que ninguém, pressentia que o modelo de civilização imediatista que fora adotado após a monetização dos valores, está agonizante. As pessoas dedicam todo seu tempo e energia para fazer aquisições, não restando tempo para mais nada. Esse modo de agir e de pensar nos fez esquecer de nossa transitoriedade e de nossas responsabilidades com relação à natureza e às gerações futuras. Durante séculos deixamos de cumprir nossa parte, envenenando o planeta não só com lixo, mas também com pensamentos negativos. Agora temos que lidar com múltiplas situações de desequilíbrio. Para consertar tudo isso será necessário muito esforço e desprendimento. O tempo marcha acelerado, as turbulências se agravam, o esperado ano de 2012 está chegando, e depois, como será a vida? A prioridade deveria ser salvar a humanidade e, para isso, não podemos continuar explorando o planeta da forma como temos feito. O ano de 2012 poderá assinalar o começo do fim do materialismo sem coração, mas também o início de um renascimento consentâneo com as leis que regem a vida para todos que, reconhecendo a necessidade de redespertar a intuição, a voz do espírito, não meçam esforços para isso.

E, concluindo, Master pensou no âmago de seu coração: Justiça, consideração e sabedoria são os ingredientes indispensá-

veis para a busca por soluções pacíficas, e deverão ser usados para vencer o egoísmo, a sede de poder e a competição generalizada. Só assim teremos uma nova visão do mundo, que leve em consideração o que de fato é fundamental para que os humanos possam cumprir sua tarefa e assumir o lugar que lhes cabe, pois a grande finalidade da vida humana é ser feliz buscando a evolução integral, ou seja, material e espiritual.

DADOS DO AUTOR

Benedicto Ismael Camargo Dutra é graduado pela Faculdade de Economia e Administração da USP, como colaborador de importantes jornais realiza palestras sobre temas ligados à qualidade de vida. Idealizador e coordenador dos web sites www.vidaeprendizado.com.br e www.library.com.br cujo objetivo é disponibilizar conteúdo de qualidade, capaz de estimular reflexões sobre o sentido da vida e a boa formação pessoal, além de incentivar a busca do contínuo aprendizado e do aprimoramento humano. É associado ao Rotary Club. Também são de sua autoria os livros: Encontro com o Homem Sábio, A trajetória do ser humano na Terra, e Nola — o manuscrito que abalou o mundo, editados pela Nobel / Marco Zero, Conversando com o Homem Sábio cuja primeira edição recebeu o apoio cultural do Ministério da Cultura. Seu mais recente lançamento, O Segredo de Darwin, pela Editora LCTE.

Email – bicdutra@library.com.br



Impressão e Acabamento:
Gráfica Scortecci
Telefax: (11) 3815-1177
www.graficascortecci.com.br
grafica@graficascortecci.com.br